

Hortifruti Brasil

Uma publicação do CEPEA - ESALQ/USP
Ano 14 - Nº 155 - Abril de 2016 - ISSN 1981-1837

DESAFIOS DO SETOR DE HF DIANTE DO "BOLSO MAIS APERTADO DO CONSUMIDOR"

Os efeitos negativos da queda de renda do consumidor sobre o setor de HF serão mais visíveis neste ano

RIDOMIL GOLD® BRAVO

**CUIDA DA SUA PLANTAÇÃO,
PROTEGENDO SEMPRE
E COMBATENDO QUANDO NECESSÁRIO.**

Ridomil Gold® Bravo é o pior inimigo da principal doença que ataca a sua plantação, a requeima na batata.

Isso porque ele é o único que combina dois ativos poderosos: um sistêmico e outro protetor. Além disso, é resistente à chuva e tem grande aderência à planta.

Com Ridomil Gold® Bravo, a sua plantação fica protegida e você fica tranquilo.



Restrição de uso no Estado do Paraná.
Informe-se sobre e realize o manejo integrado de pragas.
Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos.

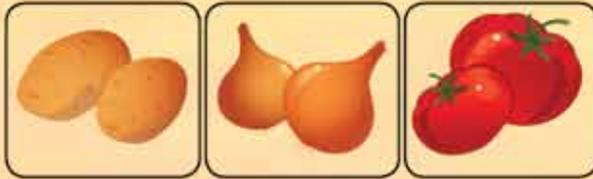
ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO,
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRÔNOMICO.



c.a.s.a.
0800 704 4304

www.syngenta.com.br



EFICIENTE NAS CULTURAS DE BATATA, CEBOLA E TOMATE.



 **RidomilGold**[®]
Bravo

syngenta.



CURSOS
RÁPIDOS
PECEGE

GESTÃO DE SISTEMAS
MECANIZADOS
NAS CULTURAS DE CITROS

OFICINA DE GESTÃO DE
CUSTOS DA CADEIA
CITRÍCOLA

WWW.PECEGE.ORG.BR
[19] 3377.0937 | [19] 3375.4251
[19] 99948.4769
CURSORAPIDOSPECEGE

EDITORIAL

SETOR DEVE SENTIR A QUEDA DO PODER DE COMPRA DO CONSUMIDOR NOS PRÓXIMOS MESES



Da esq. para a dir.: Renato Ribeiro, Letícia Julião, Renata Pozelli e Mariana Coutinho são os autores da matéria de capa desta edição.

O setor tem enfrentado uma série de “crises” que afetam a sua rentabilidade. No ano passado, as mais que tiveram maior impacto foram a crise hídrica e a cambial. A forte estiagem no Sudeste e Nordeste e as chuvas acima de média no Sul impactaram na produtividade dos hortifrutis até meados do segundo semestre. Paralelamente, a alta do dólar impulsionou os preços dos insumos, especialmente de defensivos e fertilizantes.

No avançar deste ano, é uma “nova crise” – nem tão nova assim – que deve impactar negativamente no setor: a queda de renda do consumidor. O poder de compra do brasileiro já vem diminuindo desde 2015, mas seus efeitos ainda não foram tão explícitos sobre o setor em razão da menor oferta que vinha impulsionando os preços das frutas e hortaliças. Na avaliação do economista-chefe da consultoria MB Associados, Sérgio Rodrigo Vale, que participa da seção *Fórum*, o desemprego pode chegar a 13% neste ano.

Assustado pela realidade que tem gerado números como esses, o consumidor já adota novos hábitos de consumo. Ademilton Santos, da rede Atacadão, confirma que tem aumentado a presença de consumidores domésticos nas lojas da rede, mas alerta também que “em geral, cada um compra um pouquinho menos”. Essa mudança de hábito pode impactar negativamente no consumo de frutas e hortaliças, ao mesmo tempo em que abre oportunidades para o setor, se bem dimensionadas.

Em síntese, o cenário econômico é preocupante e deve persistir difícil por alguns anos, independentemente do desfecho político nos próximos meses. A recuperação pode se iniciar somente em 2018. Em meio a tantas incertezas, uma recomendação aos nossos leitores vem do coordenador do Cepea, professor Geraldo de Sant’Ana Camargo Barros: “O produtor deve concentrar-se na contenção e redução de custos, monitorar de perto seu fluxo de caixa, mantendo sua poupança, evitando recorrer a financiamento. Investimentos devem ser adiados na medida do possível”.

Na teoria,
a tecnologia
do futuro.
Na prática,
maior proteção
e qualidade hoje.



 **SERENADE**



A força da natureza a favor da qualidade.

Serenade é o fungicida e bactericida biológico da Bayer. Com formulação diferenciada, pronta para o uso e de fácil manejo, além de controlar efetivamente as doenças, Serenade ativa a defesa das plantas melhorando o desenvolvimento e a sanidade e produzindo frutas e hortaliças sem resíduos, com alta qualidade e mais saudáveis. Serenade possui carência zero, permitindo maior flexibilidade entre a aplicação e a colheita. Adicionar Serenade ao seu manejo é ter carência zero e qualidade máxima.

Serenade.
Eficiência sem carência.

ATENÇÃO

Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRÔNOMICO



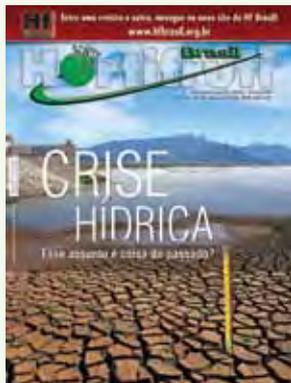
Faça o Manejo Integrado de Pragas.
Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos.
Uso exclusivamente agrícola.



Bayer CropScience

Se é Bayer, é bom

Crise Hídrica



Excelente e atual a matéria sobre crise hídrica. Para enfrentar uma possível limitação de água neste ano, sugiro que o setor tenha orientação técnica e retome os cálculos de demanda hídrica das diversas culturas. Acho que não haverá água suficiente neste ano.

Lauro Pedro Jacintho – Limeira/SP

Boa matéria. A crise hídrica é permanente e crescente. O consumo é alto e a preservação é baixa: a conta não fecha. A principal recomendação que faço aos meus clientes

é a busca de alternativas para a produção de água nas suas propriedades (açudes, barragens, etc.) e controle do uso na irrigação (horário e tipo de irrigação e como utilizá-la). Em minha região, é muito importante que chova bem no primeiro semestre pois as barragens de Anagé e de Brumado, em Rio de Contas, principalmente, precisam recuperar suas reservas para enfrentar períodos de estiagens que virão no futuro.

Kleber Paiva Cabral – Vitória da Conquista/BA

CAPA 10



O objetivo da Matéria de Capa é avaliar o impacto da crise sobre o poder de compra do consumidor brasileiro e os seus efeitos sobre o setor hortifrutícola no curto e médio prazo.

FÓRUM 36

Os entrevistados desta edição traçam um panorama do atual cenário econômico e recomendações ao produtor diante da retração do consumo.

HF BRASIL NA REDE



www.hfbrasil.org.br

19 99107.4710

Hortifruti Brasil

@revistahortifrutibrasil

@hfbrasil

SEÇÕES

BATATA		19
FOLHOSAS		22
CEBOLA		23
TOMATE		24
CENOURA		26
MELÃO		28
MAÇÃ		29
CITROS		30
MANGA		31
MELANCIA		32
UVA		33
MAMÃO		34
BANANA		35

EXPEDIENTE

A Hortifruti Brasil é uma publicação do CEPEA-Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP
ISSN: 1981-1837

Coordenador Científico:

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros

Editora Científica: Margarete Boteon

Editores Econômicos:

João Paulo Bernardes Delele, Renata Pozelli Sabio, Leticia Julião e Larissa Gui Pagliuca

Editora Executiva:

Daiana Braga MTb: 50.081

Diretora Financeira: Margarete Boteon

Jornalista Responsável:

Ana Paula Silva Ponchio MTb: 27.368

Revisão:

Daiana Braga, Alessandra da Paz, Ana Carolina Wolfe, Paulo Palma Beraldo e Nádia Zanirato

Equipe Técnica:

Ana Clara Souza Rocha, Carolina Camargo Nogueira Sales, Fernanda Geraldini Palmieri, Guilherme Giordano Paranhos, Isabela Costa, Jair de Souza Brito Junior, Jessie Yukari Nagai, Lenise Andresa Molena, Lucas Conceição Araújo, Marcelo Belchior Rosendo da Silva, Mariana Coutinho Silva, Marina Marangon Moreira e Mariana Santos Camargo.

Apoio:

FEALQ - Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

Diagramação Eletrônica/Arte:

Guia Rio Claro.Com Ltda
enfaserioclaro@gmail.com

Impressão:

Gráfica Riopedrense
19 3493-1616

Contato:

Av. Centenário, 1080

Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)

Tel: 19 3429-8808

Fax: 19 3429-8829

hfcepea@usp.br

www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

A revista Hortifruti Brasil pertence ao Cepea

A reprodução dos textos publicados pela revista só será permitida com a autorização dos editores.

Para receber a revista **Hortifruti Brasil** eletrônica, acesse www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade, faça seu cadastro gratuito e receba todo mês a revista em seu e-mail!

ESCREVA PARA NÓS.

Envie suas opiniões, críticas e sugestões para:

Hortifruti Brasil - Av. Centenário, 1080 - Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)
ou para: hfcepea@usp.br

Muito oportuna a matéria. Uma opção em tempos de falta d'água é alongar a tubulação e mudar a bomba de irrigação. Na minha região, a represa está cheia, temos água com fartura e por muito tempo.

Sávio Marinho – Delfinópolis/MG

Muito boa a matéria. É preciso o uso racional da água por todos. Infelizmente, quando passa a crise hídrica, todos se esquecem.

Ednaldo M. da Silva – Tejuapé/SP

Achei ótima a matéria. Precisamos deixar todos em alerta. O setor poderia reaproveitar a água. Quanto às previsões climáticas, não sabemos se realmente se concretizarão. O planeta está nos surpreendendo a todo momento, mas, se chover acima da média, claro que teremos reservas que talvez durem por um tempo.

Francisco de Assis Lima – Petrolina/PE

Boa matéria, porém os dados não confirmam a situação local do Norte de Minas. As chuvas não nos favoreceram, pois ocorreram precipitações pesadas em um curto período. Depois das chuvas de janeiro, não choveu mais, o que não foi bom para a produção. Algumas alternativas durante tempos de limitação hídrica seriam cultivar espécies menos exigentes à água e monitorar mais a irrigação.

Ildeu de Souza – Janaúba/MG

Achei a matéria interessante. Trata um tema cotidiano das pessoas. Redução de área e tecnologias que permitem usar menos água na lavoura são algumas das alternativas para o produtor. Uma condição climática favorável para o segundo semestre seria uma quantidade de chuvas similar ao do início deste ano, o que possibilitaria que as principais barragens da região reestabelecessem suas condições básicas. As chuvas do início do ano recuperaram as barragens menores em quase todo seu volume, mas as barragens maiores ainda estão em situação pouco confortável.

William Tanaka – Ibicoara/BA

A matéria é muito importante e bem informativa. Sugiro a construção de cisterna e poços e, no auge da crise, diminuir a produção. No caso da região Sudeste, acredito que a situação pode piorar.

Oswaldo Aly Junior – São Paulo/SP

Novo site da HF Brasil

Li e gostei muito do novo site HF Brasil, que está dinâmico e muito agradável à leitura e consulta de dados, elaborado pela equipe Hortifruti/Cepea. Parabéns a todos da equipe!

Fleury Tavares – São Paulo/SP

Hortifruti Brasil no WhatsApp



A **Hortifruti Brasil** agora está no WhatsApp! Neste aplicativo, você pode entrar em contato conosco e também nos enviar fotos para publicarmos na revista! Para isso, basta nos enviar fotos de sua produção, nome e região!

Veja o que nossos leitores nos enviaram!

19 **99107.4710** ✓

Nicole Carvalho - Vacaria (RS)



Everaldo Costa Melo - Paranapuã (SP)



Roberto Rodrigues - São João da Serra Negra (MG)



Atenção ao comer fora de casa!

Por *Jair de Souza e Lucas Conceição Araújo*

Para muitos, o tempo é escasso até mesmo para se alimentar. Comer fora de casa se tornou uma necessidade para pessoas que têm pouco tempo entre suas atividades. Mas será essa uma opção saudável? Segundo estudo realizado nos Estados Unidos pela pesquisadora Ashima Kant, entre 2005 e 2010, e divulgado no site da revista Superinteressante, as pessoas que faziam mais refeições fora de casa apresentavam maiores índices de colesterol e menores taxas de vitaminas C e E. Além disso, tendiam a ter maior índice de massa corporal (IMC), indicador de sobrepeso. No Brasil, há opções de alimentação rápida e saudável, mas é importante que o consumidor se atente ao quão saudável, de fato, é o alimento escolhido.

Fruticultura pode ganhar Política de Incentivo

Por *Mariana Santos Camargo*

Está para ser votada no Congresso Nacional a Política Nacional de Incentivo à Produção de Frutas e Derivados, que poderá dar novo fôlego aos produtores de frutas. O projeto de lei visa a incentivar o consumo de frutas *in natura* e de seus derivados, além de fornecer apoio financeiro e tecnológico ao plantio, industrialização e comercialização interna e externa dos produtos. As exportações do Brasil correspondem a apenas 2% no mercado internacional, concentradas em poucas frutas. A região de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) são um dos poucos polos que destinam boa parte de sua produção ao exterior. O deputado Evair Melo (PV-ES), autor do projeto, lembra que entre os atuais entraves para o aumento das exportações estão os problemas relacionados à logística de transporte e escoamento, barreiras impostas por países importadores, precariedade de defesa fitossanitária e pouca divulgação.

Exportação de frutas passa longe da crise!

Por *Ana Clara Souza Rocha*

Os envios de frutas ao exterior no ano de 2015 foram bastante favoráveis. A receita em Reais ficou 3,8% maior que a de 2014, segundo a Abrafrutas, em encontro realizado com a CNA no início de março. Apesar da situação econômica turbulenta no Brasil, a exportação de frutas deve seguir em alta nos próximos anos. Conforme Luiz Roberto Barcelos, presidente da Abrafrutas, as vendas externas de frutas frescas nacionais podem chegar a US\$ 1 bilhão até 2018, com crescimento anual médio de 3,5%. Em entrevista à **Hortifruti Brasil** na edição de novembro de 2015, Barcelos havia estimado que essa meta poderia ser atingida apenas em 2020. Ainda no encontro, o presidente da Abrafrutas destacou o uso de bombas flutuantes no Vale do São Francisco, que têm reduzido as perdas de água e favorecido a produção de frutas na região.

A HF Brasil por aí

Hortifruti/Cepea lança site recheado de conteúdo



Margarete Boteon, do Cepea, recepciona os convidados



Mariana Coutinho, analista de folhosas do Cepea (a primeira da dir. para a esq.), foi quem escolheu o slogan "HF Brasil, informação ao alcance de todos"

No dia 22 de março, a equipe Hortifruti reuniu convidados do Cepea para um café da manhã de lançamento de seu novo site: www.hfbrasil.org.br. Lá, é possível encontrar a série histórica dos preços e análises diárias de mercado das 13 frutas e hortaliças acompanhadas, vídeos quinzenais produzidos pela equipe, todas as edições da revista **Hortifruti Brasil** e muitas outras informações úteis ao setor hortifrutícola. Toda a equipe deseja que o site contribua com informações importantes para os negócios de todo o setor.

Pesquisadoras do Cepea participam de evento de maçã em SC

As pesquisadoras do Cepea Larissa Pagliuca e Letícia Julião foram a São Joaquim (SC) no dia 9 de março a convite da Associação Brasileira dos Produtores de Maçã (ABPM). Na oportunidade, as pesquisadoras ministraram a palestra "Expectativas para o mercado de frutas em 2016" e também conheceram de perto a produção e o beneficiamento da maçã, acompanhadas do diretor da ABPM Moisés Lopes de Albuquerque. Também visitaram a *packing house* da Cooperativa Regional Serrana (Cooperserra). Muito obrigado pelo convite, ABPM!



Letícia e Larissa em palestra



As pesquisadoras entre Maiozan Correia, presidente da Cooperserra

23^a HORTITEC

Exposição Técnica de Horticultura, Cultivo Protegido e Culturas Intensivas

22 a 24 de junho

das 9 às 19 horas
Holambra-SP

2016

Organização



Capacitação



Patrocínio



Apoio



Passag. e Hosped.



www.hortitec.com.br

Informações: Tel/Fax: (19) 3802 4196 | E-mail: info@rbbeventos.com.br | Site: www.rbbeventos.com.br
Local: Recinto da Expoflora | Al. Maurício de Nassau, 675 - Holambra - SP | Rod. Campinas-Mogi Mirim, km 140
Eventos de Capacitação: Tel/Fax: (19) 3802 2234 | hortec@flortec.com.br | Site: www.hortec.com.br

DESAFIOS DO SETOR “BOLSO MAIS APERTADO”

Os efeitos negativos da queda de renda do consumidor

UMA CRISE QUE FICARÁ PARA A HISTÓRIA

Os tempos são difíceis. Retração da economia, inflação e desemprego em alta e, perpassando tudo isso, uma instabilidade política que há tempos o brasileiro não presenciava. Os reflexos negativos são fortes no bolso das famílias e se irradiam para todos os setores com os quais se relacionam. O pior é que não há sinalização de uma recuperação rápida.

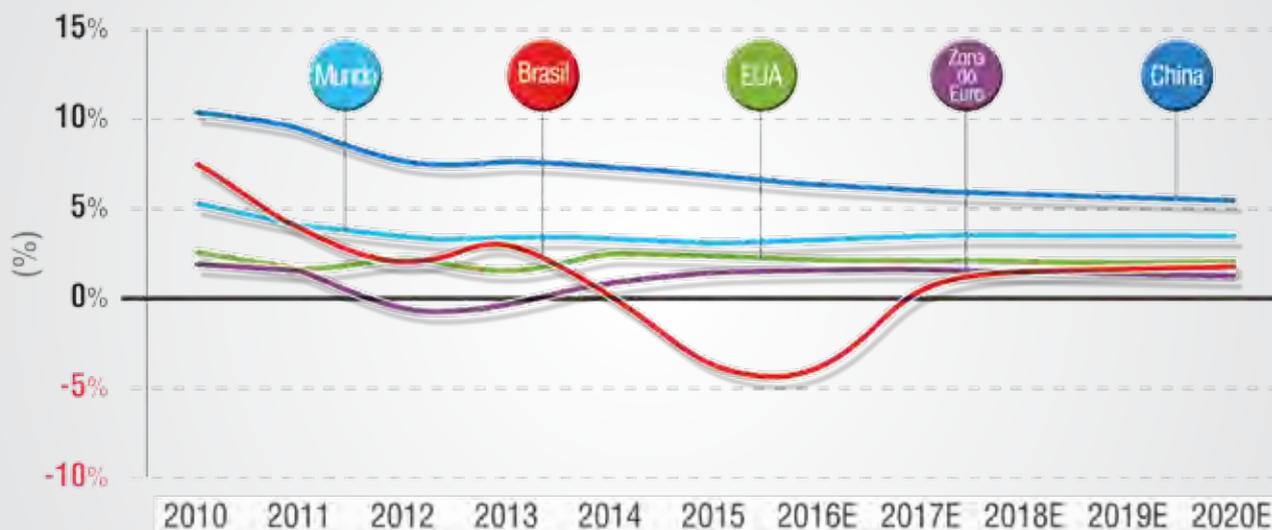
Economistas apontam que somente após 2018 a economia brasileira pode voltar a crescer de forma mais consistente. Para 2017, a aposta ainda é de que o Produto Interno Bruto (PIB), que mede o total de bens e

serviços gerados no País, ainda fique estagnado.

Nesse contexto tão negativo, chama a atenção o fato de o PIB do Brasil se comportar de modo contrário ao das principais economias do mundo. A China, mesmo não apresentando crescimento tão acelerado quanto na década passada, segue com taxas elevadas. Até mesmo os Estados Unidos e União Europeia que tiveram crescimento mais modesto em anos anteriores, devem ter novos aumentos de seus PIBs nos próximos anos, de acordo com a projeção de fevereiro do Banco Itaú BBA.

RECUPERAÇÃO DO BRASIL SÓ EM 2018

**Evolução do PIB de 2010 a 2015 e Perspectivas para 2016 a 2020
Brasil e principais economias mundiais**



Fonte: Itaú BBA (fevereiro/2016)

DE HF DIANTE DO DO CONSUMIDOR

sobre o setor de HF serão mais visíveis neste ano

TAXA DE DESEMPREGO PODE ALCANÇAR "DOIS" DÍGITOS

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) têm mostrado o aumento da taxa de desemprego, que pode voltar aos níveis anteriores à fase áurea do governo Lula. Para alguns analistas, em 2016, o desemprego pode atingir novamente a casa de dois dígitos, ou seja, atingir os 10% da população economicamente ativa, algo não visto desde 2006, conforme apontado pelo Banco Itaú BBA em seu relatório de fevereiro. No segundo mês do ano, a taxa de desemprego já estava em 9,5% (IBGE).

DESEMPREGO EM ALTA NO BRASIL

Evolução da taxa de desemprego desde 2006 e perspectivas para 2016-17



Fonte: Itaú BBA (fevereiro/2016)

CRISE JÁ TERIA DIMINUÍDO O

CRISE MANDA DE VOLTA BRASILEIROS DA CLASSE "C" PARA A "D"

A crise instalada no País está mexendo até mesmo com as grandes faixas da pirâmide socioeconômica. Com o emprego e queda da renda das famílias, analistas econômicos apontam que muitos brasileiros que haviam migrado para a nova classe média estão retornando para as classes "D". Esse cenário preocupa o setor de frutas e hortaliças, que escoam justamente para brasileiros da classe "C" boa parte da sua produção. Uma diminuição na renda dessas famílias tende a reduzir o consumo de hortifrutis.

No final de 2015, a classe "C" passou de 56,6% das

famílias brasileiras para 54,6%, e a classe "D", que correspondia a 16,1% da população, aumentou para 18,9%. As classes mais ricas também encolheram. A classe "A" diminuiu em 0,5 ponto percentual e a classe "B", em 1 p.p., segundo análises do Departamento de Estudos Econômicos do Banco Bradesco baseadas na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) Contínua com dados até 2014 e na Pesquisa Mensal de Empregos (PME), do IBGE. Para alguns analistas, não é descartado que a classe "C" volte a representar menos da metade da população brasileira nos próximos anos.

QUAIS OS IMPACTOS DO "BOLSO MAIS APERTADO" DO CONSUMIDOR PARA O SETOR DE HF?

Até o momento, os efeitos da renda mais curta do consumidor não são tão visíveis para o setor de hortifrutis. O motivo é que a oferta tem se mantido baixa e isso vem impulsionando os preços das principais frutas e hortaliças mesmo sem demanda aquecida. No entanto, a expectativa é de que a oferta aumente nos próximos meses e, dependendo do poder de consumo do brasileiro, os preços dos hortifrutis podem ter fortes quedas.

Em 2003, o cenário econômico também era ruim, com o desemprego e a inflação em alta. Houve dificuldades para o escoamento da produção hortifrutícola e, conseqüentemente, os preços caíram, diminuindo muito a rentabilidade do setor.

Com a recuperação da oferta nos próximos meses, portanto, o desafio manter a rentabilidade do negócio, o que vai requerer especial controle dos custos de produção.

Para avaliar o impacto da queda do poder de compra do brasileiro sobre o setor de frutas e hortaliças, a equipe da Hortifrutis/Cepea procura entender, inicialmente, os fatores que afetam a escolha dos consumidores. Renda, preço, conhecimento a respeito de alimentação e nutrição, gosto e preferência dos indivíduos, qualidade e conveniência são os principais fatores que norteiam suas escolhas. Num cenário de tantas incertezas político-

-econômicas, no entanto, é preciso considerar ainda alterações de hábitos que os brasileiros estejam tendo.

Em busca dessas informações, a equipe Hortifrutis/Cepea fez uma pesquisa exploratória com consumidores via plataformas digitais, sobretudo pelo Facebook, e-mail e WhatsApp. O objetivo foi avaliar as mudanças do comportamento dos consumidores frente à desaceleração econômica do Brasil. O questionário ficou disponível por um mês, sendo fechado no início de março de 2016. No total, foram 541 respostas válidas para a análise.

A amostra, portanto, reúne somente pessoas com acesso à internet, e o perfil captado não representa a população brasileira como um todo, mas é, sim, um indicativo sobre os hábitos de consumo em tempos de crise.

Das 541 pessoas que participaram, quase dois terços (62%) são do sexo feminino, e 38% do sexo masculino. Em relação à idade, 61% estavam na faixa entre 18 e 35 anos, o que corresponde a um perfil de consumidores mais jovens (31% tinham de 18 a 25 anos). A renda familiar mensal dos participantes é bastante variada. Quase dois terços (62%) tinham rendimentos entre R\$ 1.500 e R\$ 8.000/mês. Outros 28% estavam acima dessa faixa e, 10%, dispunham de menos de R\$ 1.500/mês enquanto renda familiar. A região Sudeste teve maior participação, com 64% dos respondentes.

TAMANHO DA CLASSE MÉDIA

Foi questionado se, em 2015, houve diminuição no consumo de frutas e hortaliças e, se sim, quais os motivos. As respostas mostraram estreita relação com a renda – veja mais detalhes nas páginas a seguir. Nas faixas mais altas, é menor a propensão a deixar de consumir hortifrutis.

Outro fator que se mostrou relevante para o consumo, como esperado, é o preço, e isso para todas as classes de renda. Os que declararam ter reduzido o consumo de frutas e hortaliças apresentaram o preço como principal motivo. O “poder de compra” do brasileiro em relação

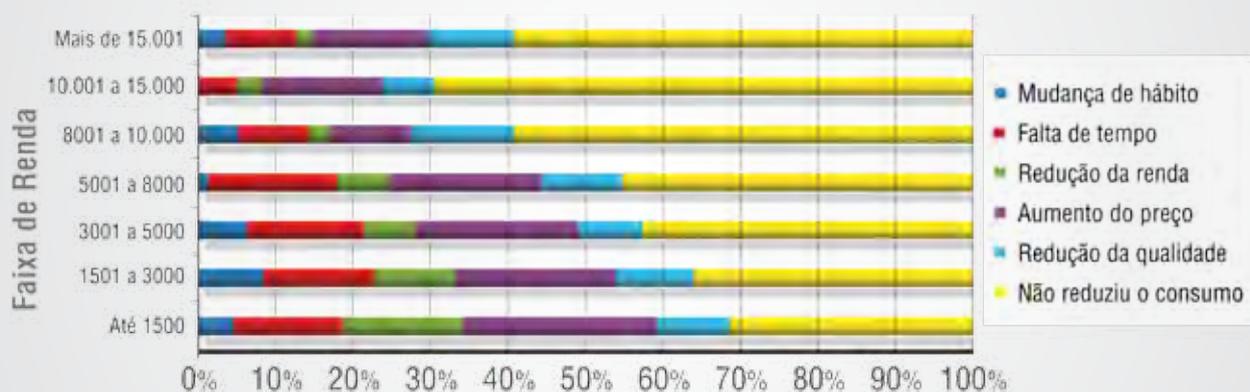
a hortifrutícolas é analisado com maior profundidade na página 17, quando a renda média é dividida por um preço também médio de frutas e hortaliças ao longo dos anos.

Outros fatores para a redução do consumo citados em menor proporção foram qualidade e falta de tempo. A falta de tempo no preparo desses alimentos figurou em todas as faixas de renda como entrave no consumo. A qualidade também é importante para todas as classes de renda, com maior peso nos grupos de renda superior (classes A e B).

PREÇO ALTO É PRINCIPAL FATOR DE REDUÇÃO DAS COMPRAS DE HF EM 2015

Que fatores podem ter influenciado em redução do seu consumo em 2015?

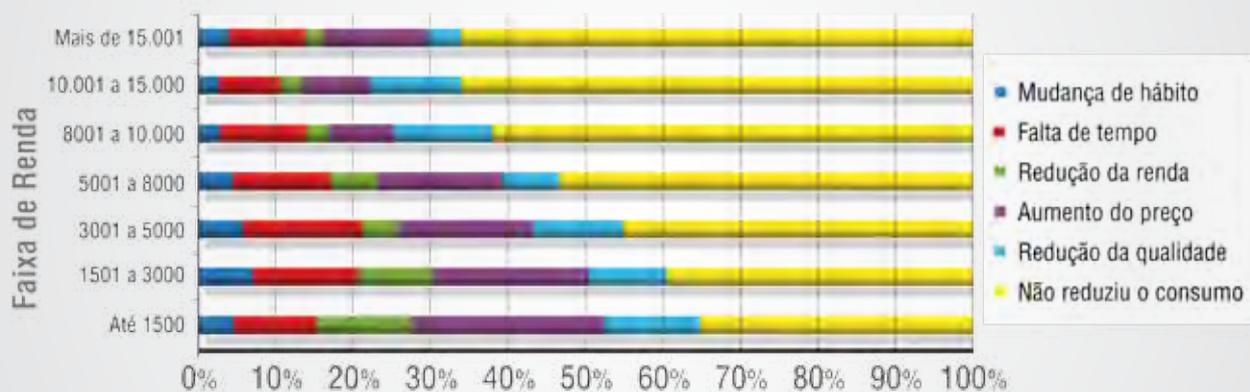
FRUTAS



Fonte: Hortifruti/Cepea

Que fatores podem ter influenciado em redução do seu consumo em 2015?

HORTALIÇAS



Fonte: Hortifruti/Cepea

CONSUMIDOR MUDA OS HÁ

Diante do atual cenário econômico, consumidores brasileiros têm mudado alguns hábitos de compra e de consumo de alimentos. Entre as mudanças importantes, estão redução na frequência de alimentação fora do lar, retorno das “compras de despensa” e busca por alimentos mais baratos. Essas mudanças podem impactar nos hábitos de consumo dos hortifrutis e até mesmo abrir oportunidades para o setor.



CONSUMIDOR COME MENOS EM RESTAURANTE

Pesquisas apontam que a alimentação fora do lar é, na maioria das vezes, vista como uma atividade supérflua e, por isso, é um dos itens “escolhidos” pelo consumidor para que os gastos sejam enxugados. A redução no consumo de alimentos fora de casa aumenta as refeições no lar, mas, ainda assim, o portfólio de produtos a ser consumido no lar pode ser alterado, o que impacta no setor de frutas e hortaliças. Nos restaurantes por quilo, por exemplo, o consumidor tem maior acesso a mais variedade de legumes e verduras frente ao que normalmente se prepara no lar. Assim, pode ter diminuição no consumo em casa de hortifrutis que demandam mais tempo para serem preparados, enquanto os de fácil manuseio podem ganhar espaço.

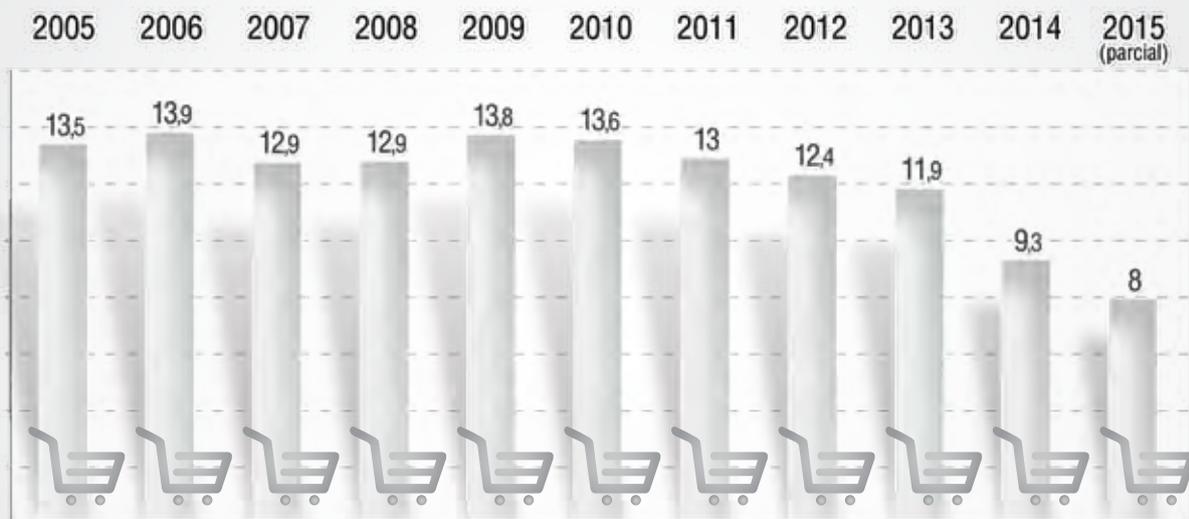


CONSUMIDOR VAI MENOS AO SUPERMERCADO

Para tentar economizar, consumidores voltaram a fazer as chamadas “compras de despensa”, comuns em período de inflação. Nesses casos, o consumidor adquire grande quantidade de produtos no período de recebimento dos salários, reduzindo a frequência de “idas” aos supermercados. De acordo com dados da Associação Brasileira de Supermercados (Abras), em 2005, a média mensal de idas ao supermercado era de 12 vezes. Já no final de 2014 (último dado disponível pela Associação), essa média havia caído 25%, com o brasileiro indo em média oito vezes ao varejo por mês – vale ressaltar que a crise apertou ainda mais em 2015 e também no começo de 2016. Como os hortifrutis são perecíveis, esse comportamento de consumidores pode reduzir a demanda por esses produtos.

CRISE REDUZ IDAS DO CONSUMIDOR ÀS COMPRAS

Número de vezes que o consumidor vai ao varejo tradicional (média mensal)



Fonte: Kantar WorldPanel (Abras)

BITOS EM TEMPOS DE "CRISE"



ATACAREJO TOMA ESPAÇO DO VAREJO TRADICIONAL

O brasileiro também tem substituído as idas ao varejo tradicional (em especial, os supermercados) pelos atacarejos. Entre 2014 e 2015, cerca de três milhões de pessoas fizeram essa troca no Brasil, segundo a PropMark, como alternativas para reduzir os gastos com alimentação. Até mesmo as famílias das classes A e B recorreram aos atacarejos. O principal atrativo dos atacarejos é o preço inferior frente aos canais tradicionais.

Dessa forma, as vendas dos atacarejos cresceram na casa dos dois dígitos no último ano, enquanto as dos supermercados recuaram. Em 2014, os segmentos atacadista e distribuidor faturaram R\$ 211,8 bilhões juntos, de acordo com dados da Associação Brasileira de Atacadistas e Distribuidores de produtos industrializados (Abad), crescimento nominal de 40% frente a 2010,

ano de bonança no consumo brasileiro. E as perspectivas da Euromonitor é que este o atacarejo continue crescendo a taxas acima de 10% ao ano até 2019.

Essa mudança de local de compra, por sua vez, também pode ter impactos no setor de hortifrutis. No geral, os atacarejos comercializam leque menor de hortifrutis e priorizam os de menor valor. Uma boa notícia para produtores é o fato de muitos atacarejos estarem investindo em mais variedades nos segmentos de frutas, legumes e verduras, produtos que podem atrair clientes. Apesar de a pesquisa da **Hortifruti Brasil** não ter contemplado diretamente os atacarejos, os consumidores entrevistados relataram que buscam locais com valores mais em conta. A maioria dos respondentes da pesquisa on-line afirmou ter trocado locais de compra de hortifrutis por outros que apresentam valores menores.

SUPER OFERTA

PROCURA POR HFS MAIS BARATOS

As famílias com menores rendas declararam que substituíram frutas e hortaliças mais caras por outras de preços mais acessíveis, como forma de manter o consumo saudável, mesmo em período de recessão.

A pesquisa revelou que os produtos básicos e de baixo valor têm sua demanda favorecida (ou, pelo menos, fidelizada) em meio à crise econômica, enquanto os mais caros são cortados da lista de compras das classes média e

baixa. Dos entrevistados, 70% apontaram ter diminuído o consumo de alguma fruta ou hortaliça no ano passado, sobretudo tomate cereja e uva sem semente, produtos considerados "de luxo" para esse grupo. Contudo, a classe de renda mais elevada (A e B) manteve o consumo de frutas e hortaliças independente do preço, sendo ainda o principal nicho que consome produtos com maior valor.

CONSUMO EM ALTA CONSUMIDOR COMPROU MAIS EM 2015*:

Principais produtos	%*
Banana	17%
Alface	14%
Batata	9%
Laranja	9%
Tomate salada	8%
Outros	43%
Total	100%

* Percentual baseado no total de produtos mencionados. Cada participante poderia declarar o aumento de mais de um produto; amostra total de 541 pessoas.

Fonte: Hortifruti/Cepea

CONSUMO EM QUEDA CONSUMIDOR COMPROU MENOS EM 2015*:

Principais produtos	%*
Tomate salada	11%
Mini tomates ou italiano	10%
Uva	10%
Uva sem semente	10%
Maçã	7%
Outros	52%
Total	100%

* Percentual baseado no total de produtos mencionados. Cada participante poderia declarar a diminuição de mais de um produto; amostra total de 541 pessoas.

Fonte: Hortifruti/Cepea

COMO O CONSUMO DE HF REAGE A MUDANÇAS NA RENDA DO BRASILEIRO?

INFLUÊNCIA DA RENDA NO CONSUMO DE HORTIFRUTI POR GRUPOS (ALTO, MÉDIO E BAIXO IMPACTO)

ALTO IMPACTO

A cada 1% de queda da renda, o consumo pode recuar na mesma proporção (-1%) para as seguintes frutas:

Abacaxi	Mamão
Limão	Pêra
Uva	Pêssego
Melão	Morango
Caqui	Ameixa

MÉDIO IMPACTO

A cada 1% de queda da renda, o consumo pode recuar 0,5% para os seguintes HFs:

Abacate	Manga
Melancia	Alface
Banana	Maçã
Cenoura	Tangerina
Laranja	

BAIXO IMPACTO

A cada 1% de queda na renda, o consumo pode recuar 0,33% para os seguintes produtos:

Cebola
Tomate
Batata-inglesa

Um dos melhores indicativos da renda do brasileiro vem da Pesquisa Mensal de Empregos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PME/IBGE), que informa o rendimento médio real da população ocupada nas principais capitais do País. Em fevereiro de 2016, o valor médio foi de R\$ 2.227,50, queda 7,5% em comparação ao mesmo período do ano anterior – já descontada a inflação do período. A previsão de especialistas é que esse indicador recue em torno de 10% em dezembro de 2016 frente ao mesmo período do ano passado.

No geral, queda na renda do consumidor reduz o consumo também de alimentos, mas a diminuição varia de produto para produto. Para estimar em quanto o consumo de um produto é impactado pela variação da renda (para cima ou para baixo), os economistas usam o conceito de “elasticidade-renda da demanda”, que nada mais é do que quanto pode oscilar a quantidade comprada de um produto frente a variação da renda das pessoas.

A partir das elasticidades-renda estimadas pelo professor Rodolfo Hoffmann, da Esalq/USP, com base nos dados da Pesquisa de Orçamentos Familiares de 2008/09, do IBGE, a equipe Hortifruti/Cepea dividiu os hortifrutícolas em três grupos. O critério foi o quanto o consumo de cada um é impactado por variação da renda – impacto baixo, médio ou alto. Produtos essenciais, com poucos substitutos diretos e de baixo peso no orçamento final, tendem a ter menos impacto com a queda da renda. Encaixam-se nesse grupo a cebola, o tomate salada e a batata. Por outro lado, frutas mais caras, que pesam mais no orçamento familiar e com vários substitutos próximos, tendem a ter redução quase que proporcional à queda da renda. O destaque são as frutas importadas, frutas de caroço, uva, melão e mamão. Um impacto intermediário no consumo diante de uma queda da renda é observado para as frutas mais comuns ao consumidor nacional, como banana, citros, maçã e melancia, e também para cenoura e alface. A ideia inversa também é verdadeira. Um aumento da renda tem impacto (positivo) maior no consumo das frutas de valor mais alto.

CONSUMIDOR PERDE PODER DE COMPRA

O ganho real de renda ocorrido em anos recentes foi um dos fatores que impulsionou o consumo de frutas e hortaliças. Para mensurar a evolução do poder de compra frente a hortifrutícolas, a equipe Hortifruti/Cepea elaborou um índice agregado relacionando a renda média real do brasileiro com os preços (também descontada a inflação) de frutas e hortaliças. Especificamente, dividiu-se a renda real (apurada pela PME/IBGE) pelo preço médio de 12 frutas e hortaliças acompanhadas continuamente pela equipe Cepea na Ceagesp. Sabidamente, apenas uma pequena parte da renda é despendida com hortifrutícolas, mas esse índice seria uma sinalização do potencial de consumo dada a renda. O cálculo foi feito para o período de 2008 a 2015.

Os resultados apontaram que, em 2014, brasileiro conseguia comprar 6% a mais de frutas e hortaliças que em 2008, tendo em vista que o ganho real da renda foi maior que a evolução dos preços.

Esse cenário se inverteu em 2015, quando a renda declinou em termos reais (descontando-se a inflação) e os preços das frutas e hortaliças foram impulsionados pela baixa oferta. Em 2015, o consumidor conseguiu comprar 5% menos de hortifrutis que em 2014.

O melhor momento para o consumidor aconteceu nos anos de 2011 e 2012, quando a renda do brasileiro estava alta e os preços de muitos hortifrutis se encontravam relativamente baixos, devido a uma boa oferta.

Economistas estimam que a renda real média em 2016 possa ser cerca de 10% menor que a de 2015. O último dado da PME/IBGE, de fevereiro/16, já apontava redução de 7,5% da renda frente a fev/15. O poder de compra do consumidor, portanto, deve diminuir, a menos que o preço de frutas e hortaliças caia pelo menos na mesma intensidade que a renda.

CAI 6% O PODER DE COMPRA DO CONSUMIDOR EM HORTIFRUTIS EM 2015

Evolução do poder de compra do consumidor frente a frutas e hortaliças

Ano	Renda (R\$) ¹ - (A)	Preços HFs (R\$/kg) ² - (B)	Poder de Compra de HFs (Índice=100) ³
2008	2.055,73	1,73	100,0
2009	2.099,88	1,93	91,6
2010	2.196,77	1,81	102,4
2011	2.261,49	1,65	115,6
2012	2.356,83	1,77	112,2
2013	2.396,94	2,06	97,9
2014	2.475,58	1,96	106,2
2015	2.367,37	1,96	101,8

¹ Média Anual do "Rendimento Mensal Real da população ocupada" - Pesquisa Mensal de Empregos (PME/IBGE):

² Preço médio anual de uma cesta de 12 HFs (Ceagesp - nível atacado) ponderado pela participação de cada produto em área - Hortifruti/Cepea (valores deflacionados)

³ Relação da renda sobre o preço médio dos hortifrutis - Índice calculado com base 100 em 2008.

E COMO FICA O SETOR DE HF EM 2016 E EM 2017?

A crise econômica não é passageira, pode afetar ainda mais o bolso do consumidor e, consequentemente, o setor de frutas e hortaliças. No último ano, produtores de frutas e hortaliças podem não ter sentido o efeito da queda do poder de compra do consumidor porque a oferta esteve baixa. No entanto, a perspectiva da equipe Hortifruti/Cepea é de que a oferta de frutas e hortaliças aumente com a retomada da produtividade, especialmente no segundo semestre. O desafio do setor é, então, manter sua rentabilidade diante da tendência de preços em queda e custos elevados de produção das frutas e hortaliças.

Diante de tal desafio, é importante que o setor entenda as mudanças de hábito do consumidor em meio à crise e, inclusive, busque oportunidades a partir dessas mudanças. A queda da renda leva a redução nas compras do consumidor, em proporção diferente entre os produtos. O maior impacto deve ocorrer em produtos mais caros nas classes C e D, ao passo que a classe de maior renda (especialmente A) não deve, por enquanto, alterar seus hábitos de consumo de frutas e hortaliças. O grupo de maior renda é o principal consumidor de produtos do setor de maior valor e dá muita importância ao quesito qualidade.

É importante ressaltar também que se abrem oportunidades em tempos difíceis. A ascensão dos atacarejos como um local importante de compra do consumidor final merece a atenção do setor. Essas redes são clientes com capacidade de compra de grandes volumes, mas a preços baixos.

Outra mudança que abre oportunidade é a retomada das refeições no lar. Produtos de maior conveniência e prontos para o consumo podem ter seu espaço ampliado, ainda que sejam mais caros.

Por fim, cautela nos investimentos é importante, porque não há muitas margens para que se cometam erros no setor. Ter capital no curto prazo é também essencial para que não seja tomado crédito aos juros altos atuais. Por outro lado, ter boa produtividade e qualidade podem ajudar o produtor a se manter no negócio nos próximos anos. Afinal, com a previsão de queda da renda, o brasileiro pode gastar menos, mas ainda haverá demanda por frutas e hortaliças, o que mantém o setor pulsante.

Além disso, o produtor de hortifrutis é resiliente, já enfrentou outras situações econômicas adversas e continua produzindo. Ele pode reduzir a área, ajustar investimento, mas, no longo prazo, tende a continuar no setor. ■





Água Doce e Guarapuava entram em pico de safra em abril

Mesmo com menor área, oferta deve seguir estável em abril

A previsão para abril é de que a área colhida na safra das águas diminua 8% em relação a março. No entanto, a oferta deve ser semelhante à de março. Embora não haja expectativa de melhora na produtividade média das regiões que estão colhendo durante esta safra, a área colhida aumentará nas praças onde a produtividade está maior, enquanto o recuo ocorrerá justamente em regiões onde a produtividade está mais baixa. A menor área com batata se deve à desaceleração da colheita, principalmente no sul de Minas Gerais – a região praticamente encerrou a safra em março. O Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, embora ainda siga como principal praça ofertante (deverá colher 28% de sua área total neste mês), desacelerará um pouco a colheita em abril. Já Água Doce (SC) e Guarapuava (PR) chegam ao pico de safra em abril, se tornando, também, importantes regiões ofertantes neste mês. Mesmo com produtividade maior do que nas demais praças produtoras, as duas regiões sulistas devem seguir com rendimento abaixo da média por conta de problemas fitossanitários.

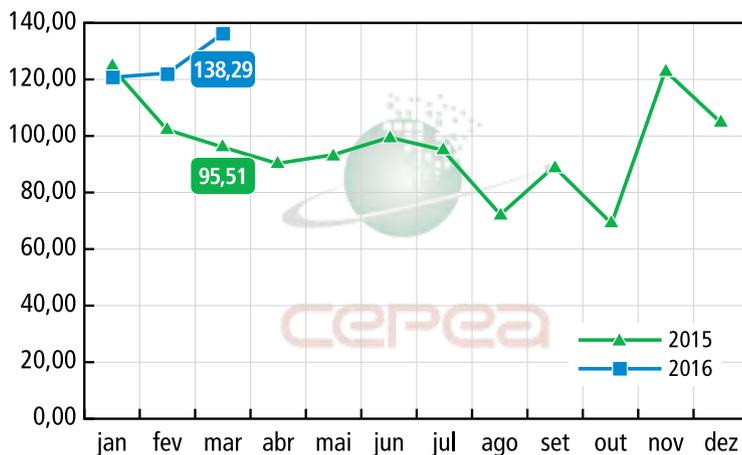
Secas deve fechar mês com 97% do cultivo finalizado

O plantio da safra das secas está próximo do fim, restando apenas a região do sudoeste paulista, que concluirá os trabalhos em abril. Com o término do cultivo em Curitiba, São Mateus do Sul, Irati e Ponta Grossa (PR), Ibiraiaras (RS) e Sul

de Minas já no mês de março e com o plantio de mais 31% da área total no sudoeste paulista em abril, a safra completa 97% da área total cultivada. Mesmo com atraso durante o plantio em algumas lavouras provocado pela chuva, as regiões conseguiram fechar o cultivo no prazo previsto. A chuva durante o cultivo e desenvolvimento favoreceu o surgimento de alguns de problemas fitossanitários, que podem prejudicar a produtividade desta safra. A região mais afetada foi o sul de Minas Gerais, que teve problemas com canela-preta e nematoide. As lavouras paranaenses, mesmo com chuvas, não sofreram danos tão severos. No sudoeste paulista houve atrasos no cultivo por conta da chuva e da dificuldade de se realizar o preparo de solo.

Sul de MG finaliza colheita com resultado médio positivo

O sul de Minas encerrou a colheita da safra das águas 2015/16 em março com saldo médio positivo. Na média da temporada, de dezembro a março, os preços já ponderados pelo calendário de colheita e classificação ficaram em R\$ 81,09/sc de 50 kg, o que supera em 60,16% as estimativas de custos de produção (R\$ 50,63/sc). A produtividade da região ficou em 25,65 sc/ha durante a temporada. Apesar dos bons números, houve grande variação na rentabilidade dos produtores, pois aqueles que tiveram um resultado próximo ou superior à média conseguiram se capitalizar. A safra das águas do sul de MG foi influenciada pelo clima chuvoso durante a maior parte do período. Isso prejudicou o controle fitossanitário, reduziu a qualidade dos tubérculos colhidos e causou menor produtividade, além de perdas no pós-colheita. Entre os problemas fitossanitários, os principais foram nematoide e canela-preta em praticamente todas as lavouras. Nas últimas semanas de colheita, o tempo foi mais firme. Com isso, houve ligeira melhora na qualidade da batata. Quanto ao plantio da safra das secas, produtores mineiros tiveram dificuldade para trabalhar no campo devido ao excesso de umidade durante quase todo o plantio, interferindo também no controle fitossanitário. Mesmo com atrasos (20 dias), o plantio no sul de Minas foi finalizado em março.



Com redução na oferta, preço sobe em março

Preços médios de venda da batata ágata no atacado de São Paulo - R\$/sc de 50 kg

Fonte: Cepea



AGORA, A PROTEÇÃO DA SUA LAVOURA PODE IR ALÉM COM DUPONT™ BENEVIA®.

Registrado para 30 culturas, **DuPont™ Benevia®** proporciona facilidade no manejo e **controle das mais importantes pragas**. Produtores de todo o Brasil já **comprovaram** a eficiência do produto. Proteja você também sua lavoura para produzir com **mais qualidade e quantidade**.

PRAGAS

✓ **Mosca-branca**
(*Bemisia tabaci*)
(*Bemisia tabaci* raça B)

✓ **Mosca-minadora**
(*Liriomyza huidobrensis*)

✓ **Traça das crucíferas**
(*Plutella xylostella*)

✓ **Broca-pequena-do-tomateiro**
(*Neoleucinodes elegantalis*)

✓ **Broca-da-vagem**
(*Etiella zinckenella*)

✓ **Lagarta-mede-palmo**
(*Trichoplusia ni*)

✓ **Broca das cucurbitáceas**
(*Diaphania nitidalis*)

✓ **Broca-do-café**
(*Hypothenemus hampei*)

✓ **Bicho-mineiro-do-café**
(*Leucoptera coffeella*)

Consulte a bula para mais informações de pragas que Benevia® controla em cada cultura.

CULTURAS

Agrião | Abóbora | Abobrinha | Alface | Algodão | Almeirão | Batata | Berinjela | Brócolis | Café |
Chicória | Couve | Couve-flor | Couve-de-bruxelas | Couve-chinesa | Chuchu | Espinafre | Feijão | Jiló |
Maxixe | Melancia | Melão | Pepino | Pimenta | Pimentão | Quiabo | Repolho | Rúcula | Soja | Tomate

Consulte na bula as indicações de uso do produto.

O aumento da produtividade e rentabilidade foram observados em campos experimentais, onde foi utilizado o produto Benevia®. Ingerir este produto pode causar danos à saúde humana e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na etiqueta. Não use sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. Consulte sempre um engenheiro agrônomo. Venda sob regulamentação agrônoma. Produto de uso agrícola. Faça o manejo integrado de pragas. Descarte unitariamente as embalagens e restos do produto.

As LMD e Tolerâncias de Importação para culturas tratadas com Benevia® podem estar pendentes em alguns países. Consulte seu exportador, importador ou a DuPont antes de aplicar Benevia® nas culturas de exportação. Cyazot® e a marca comercial do ingrediente ativo Gembránil®.

ATENÇÃO: Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na etiqueta. Não use sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. Consulte sempre um engenheiro agrônomo. Venda sob regulamentação agrônoma. Produto de uso agrícola. Faça o manejo integrado de pragas. Descarte unitariamente as embalagens e restos do produto.

Consulte sobre a aprovação do cadastro estadual do produto Benevia®, em seu estado, para as diferentes culturas registradas.

As marcas com ® ou ™ são marcas da DuPont ou de afiliadas. © Fevereiro 2016 DuPont.



Para mais informações:

DuPont

0800 707 55 17 Agrícola

www.dupontagricola.com.br

DuPont™ Benevia®

inseticida

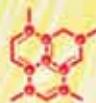
powered by

CYAZYPYR®

BENEFÍCIOS



AÇÃO SISTÊMICA
E TRANSLAMINAR VIA APLICAÇÃO
FOLIAR QUE PROMOVE
MELHOR PROTEÇÃO DA CULTURA



**UMA MOLÉCULA
COM ESPECTRO CRUZADO
NO MANEJO DAS MAIS
IMPORTANTES PRAGAS**



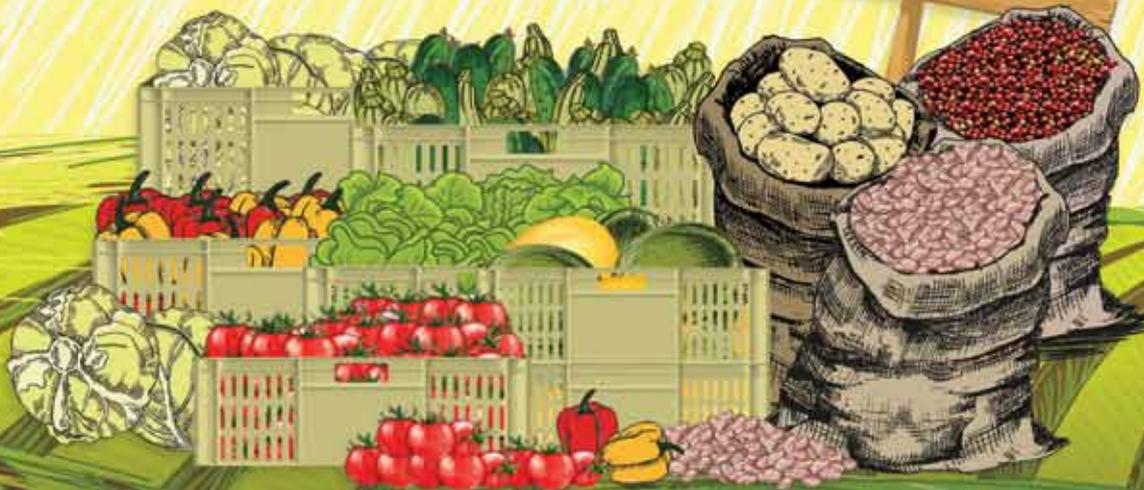
**PLANTAS SAUDÁVEIS
E VIGOROSAS QUE RESULTAM
EM MAIOR RENTABILIDADE**



**CONTROLA DIVERSAS
FASES DO CICLO DA PRAGA,
RESULTANDO EM ALTA PERFORMANCE
COM UM ÚNICO PRODUTO**

*Estudos realizados nas safras de 2011 a 2015 comprovam.

**30 CULTURAS
REGISTRADAS**



PROTEÇÃO PARA IR ALÉM



foto: Márcio Backes - Lucena (RS)

Baixa oferta deve resultar em altos preços em abril

Chuvas causam perdas nas roças paulistas em março

Março foi marcado por chuvas constantes nas regiões produtoras de folhosas acompanhadas pelo Hortifruti/Cepea. De acordo com dados do "Jornal do Tempo", o volume pluviométrico no mês foi de 230,1 mm em Mogi das Cruzes (SP) e de 187,9 mm em Ibiúna (SP), respectivamente 16% e 19% acima das médias históricas para o período. O elevado volume de chuvas causou diversas perdas na roça. Os dias nublados, a alta umidade e as temperaturas amenas resultaram em alfaces pequenas, queima de borda e incidência de bactérias que causam "mela". A alface americana, mais sensível ao clima úmido, teve o encabeçamento prejudicado. Colaboradores do Hortifruti/Cepea afirmam que as perdas no campo podem ter atingido 35% da produção em Mogi das Cruzes e em Ibiúna. Além disso, a pequena quantidade de alface que resistiu às chuvas acabou tendo a qualidade prejudicada, e o granizo nas lavouras em Mogi das Cruzes, ocorrido na segunda quinzena de março, também causou perdas na produção, reduzindo ainda mais a oferta de folhosas. Assim, com o baixo volume disponível, as folhosas se valorizaram em março. Em Mogi das Cruzes, a alface americana foi comercializada por R\$ 18,69/cx com 12 unidades em março, aumento de 27% em relação a fevereiro e 8% menor frente ao mesmo período de 2015. O clima chuvoso de março ainda deve influenciar as folhosas a serem ofertadas

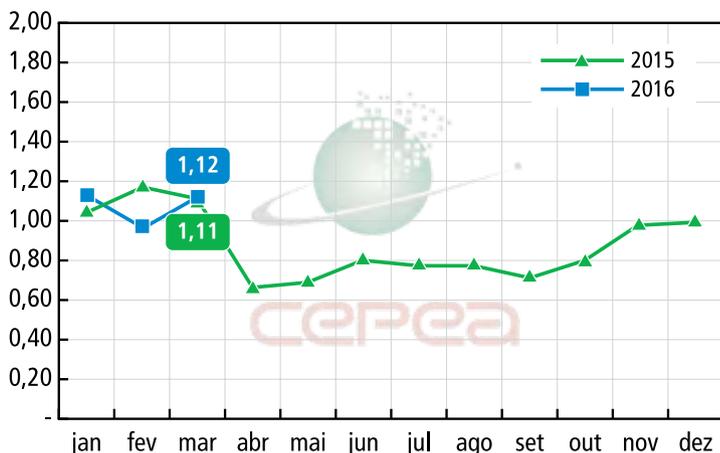
em abril. Isso porque o elevado volume de chuvas impediu o transplante de folhosas até a primeira metade de março. Assim, abril se inicia com baixa oferta e preços elevados.

Produtores iniciam transplante da safra de inverno

O transplante de mudas de alface referentes à safra de inverno deve se iniciar neste mês nas regiões acompanhadas pelo Hortifruti/Cepea – Mogi das Cruzes e Ibiúna (SP) e Mário Campos (MG). Não há previsão de alteração na área cultivada, mas essa estimativa ainda pode ser alterada ao longo dos meses. A colheita de alfaces cultivadas na temporada de inverno deve se iniciar em junho. Até lá, produtores seguem ofertando pouco volume das variedades de verão. Com a valorização das folhosas em março, a expectativa era de que a venda de mudas aumentasse, mas, de acordo com viveiristas consultados pelo Hortifruti/Cepea, os pedidos de mudas estiveram abaixo do esperado. Esse cenário pode estar atrelado ao excesso de chuvas, que impediu o preparo da terra para o transplante, e às oscilações no mercado de folhosas nos primeiros meses de 2016 – a alface apresenta picos de valorização no mercado, mas não consegue se sustentar por muito tempo, o que deixa o produtor inseguro para investir em mais mudas.

Oferta reduzida em Minas Gerais

Em Mário Campos (MG), a roça também foi prejudicada pelas precipitações, que se concentraram na primeira quinzena de março. Como boa parte dos produtores mineiros não havia investido em preventivos, as alfaces estiveram mais suscetíveis a ataques de doenças. Assim, os preços subiram, mas não se sustentaram por muito tempo, já que a estabilidade do clima na segunda quinzena do mês passado voltou a favorecer a produção, resultando em desvalorização das folhosas. Em abril, previsões indicam chuvas concentradas na região na primeira quinzena do mês de abril, o que pode causar menor oferta nas primeiras semanas do mês.



Preço da americana volta a subir na Ceagesp

Preços médios de venda da alface americana no atacado de São Paulo - R\$/ unidade



Fonte: Cepea



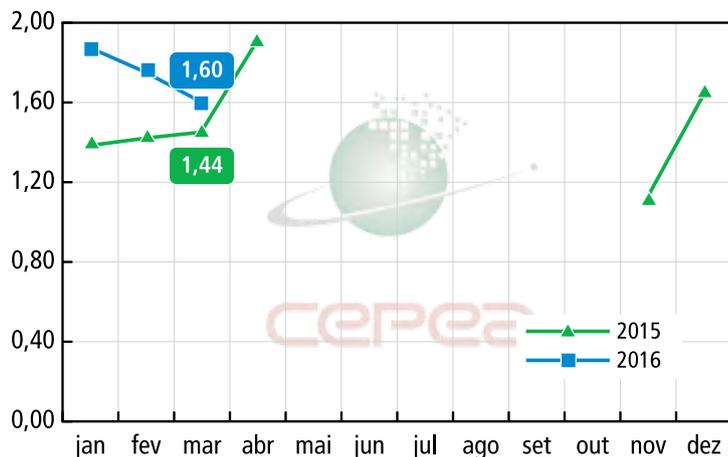


foto: Enio dos Santos - Ituporanga (SC)

Importações continuarão influenciando o mercado em 2016

Europa abastece o Brasil no primeiro trimestre

Os preços permaneceram em patamares elevados durante toda a safra do Sul, mas, contrariando as expectativas, não houve uma disparada nas cotações no final de temporada devido às importações. De janeiro a março, as compras externas aumentaram 97% frente ao mesmo período do ano passado, totalizando 93,5 mil toneladas, segundo a Secex, o equivalente a cerca de 3.200 hectares. O volume importado foi necessário para abastecer o Brasil nos primeiros meses do ano devido à escassez de oferta, com a forte quebra de safra no Sul. Grande parte das importações teve origem na Europa, que representou 66% do total importado pelo Brasil de janeiro a março. A safra sulista praticamente se encerrou na segunda quinzena de março e mesmo com o início da oferta de bulbinho nos próximos meses e com o Nordeste entrando no mercado, o volume ofertado por essas regiões ainda estará abaixo da demanda nacional, o que deve dar suporte às importações. Além da Europa, a Argentina está entrando no mercado brasileiro com maior intensidade, contudo, alguns problemas climáticos devem limitar um pouco a oferta. A colheita no país vizinho começou no final de fevereiro, mas já é possível observar perda de rendimento das lavouras devido ao excesso de água nas plantações, que facilita o aparecimento de doenças e danifica a qualidade dos bulbos. No entanto, não são esperadas perdas significativas de produtividade e qualidade na safra argentina.



Preço em SC recua novamente em março

Preços médios recebidos por produtores de Ituporanga (SC) pela cebola na roça - R\$/kg

Fonte: Cepeca

Preços em alta no final da safra do Sul

A oferta do Sul se encerrou em março, quando o volume disponível foi bastante baixo, permitindo que os preços se mantivessem em patamares elevados apesar da baixa qualidade dos bulbos e das importações. Se comparado com anos anteriores, os preços foram mais altos em 2016 e ficaram, inclusive, acima do recorde de 2015, quando a média das cotações, em fevereiro e março, foi de R\$ 1,43/kg ao produtor de Ituporanga (SC). Neste ano, os preços no mesmo período foram de R\$ 1,65/kg, 15% maiores.

Chuva no 1º tri causa impacto nas safras do Sudeste

O plantio em Divinolândia (SP) finalizou no início de março. Choveu durante boa parte do cultivo, o que pode comprometer as lavouras de bulbinho da região. No entanto, até meados de março, não era possível medir as perdas, já que os bulbos ainda não estavam em fase de desenvolvimento. A principal preocupação dos produtores é com relação às doenças decorrentes do excesso de água. A colheita em Divinolândia está prevista para os meses de maio e junho e a expectativa é que os preços estejam em patamares atrativos até lá. No Triângulo Mineiro/Alto do Paranaíba, cerca de 75% do total da área prevista para a temporada já havia sido plantado até o final de março, com encerramento previsto para abril. O semeio durante os meses de dezembro e janeiro foi dificultado pelas chuvas fortes e, com excesso de água nas lavouras, pode haver perdas de produtividade e bulbos de menor calibre no início da colheita. Em São José do Rio Pardo (SP), o plantio esperado para março teve atrasos devido ao clima chuvoso. Em abril, se as condições forem favoráveis, o plantio deve ser mais intenso. A colheita na praça paulista está prevista para acontecer entre julho e outubro. Já em Monte Alto (SP), as chuvas foram mais esporádicas e menos volumosas, o que contribuiu para o semeio na região, que deve começar a ofertar cebola entre junho e julho.





foto: Roberto Rodrigues - São João da Serra Negra (MG)

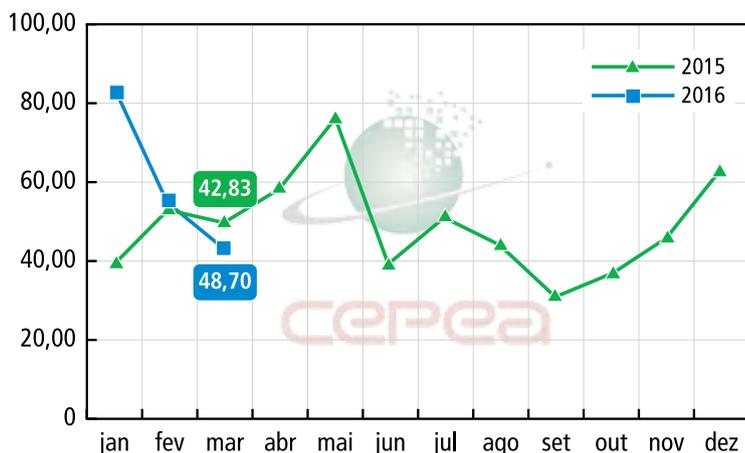
Colheita da safra de inverno deverá ganhar força em abril

Safra de inverno começa em SP, RJ e PR

A colheita de tomate da safra de inverno começa neste mês nas principais regiões produtoras. Em Araguari e Pará de Minas (MG), as atividades tiveram início em março, mas ainda em pequena proporção, enquanto que as regiões de Mogi Guaçu, Sumaré (SP), Paty do Alferes (RJ) e Norte do Paraná deverão iniciar a colheita na segunda quinzena deste mês. No início da colheita 2015, viroses comprometeram a produtividade e deixaram produtores insatisfeitos nos primeiros meses, mesmo com uma média de preços consideravelmente boa. Neste início de ano, as chuvas deixaram os produtores mais aliviados quanto ao prosseguimento da safra. Entretanto, também acarretaram problemas. Algumas regiões, principalmente em São Paulo e no Paraná, registraram bons volumes de chuva nos últimos meses, elevando a ocorrência de bactérias que prejudicaram a primeira florada. Em Araguari, uma chuva de granizo no começo de abril causou perdas de 70 mil pés de tomate. Assim, a previsão é de quebra na produtividade no início de colheita. A perspectiva é de que a produtividade aumente entre maio e junho. A colheita da primeira parte da temporada de inverno vai de fevereiro a outubro, enquanto a segunda parte, de setembro a dezembro.

Caçador encerra colheita

Produtores de Caçador (SC) encerram neste mês a colheita da safra de verão 2015/16. As



Preço recua com menor qualidade em março

Preços médios de venda do tomate salada 2A longa vida no atacado de São Paulo - R\$/cx de 22 kg

Fonte: Cepepa

atividades tiveram início no final do ano passado/comoço deste ano, com algumas semanas de atraso por conta das geadas durante o período de transplante. Produtores relataram problemas na produtividade por conta da chuva na região durante boa parte da safra, reflexo da ocorrência do *El Niño*, que causou precipitações acima da média no Sul, principalmente no mês de março. Com o aumento dos custos dos insumos, que estão atrelados ao dólar, houve dificuldades de financiamento, visto que o crédito está cada vez mais restrito. Com a aproximação do fim da safra, observou-se a oferta de tomates de menor calibre, os chamados "ponteiros" que, por conta das chuvas, tiveram manchas e maior acidez. Em geral, os preços ficaram em bons patamares, principalmente no início do ano. Na média de janeiro a março, o fruto foi comercializado nas roças de Caçador por R\$ 44,00/cx 22 kg, valor superior ao custo de produção no período, que teve média de R\$ 26,40/cx. As atividades para a próxima temporada devem ter início em outubro e a perspectiva, até então, é de manutenção na área, segundo produtores.

Consumidor de tomate se retrai frente à crise econômica

Na maior parte do primeiro trimestre de 2016, o tomate esteve valorizado. Entre janeiro e março, o fruto foi comercializado na Ceagesp por R\$ 59,00/cx 20 kg, 24% maior do que no mesmo período de 2015, quando a média do período foi de R\$ 47,85/cx. Atacadistas relatam que os altos preços nos primeiros meses do ano fizeram com que a demanda fosse menor, embora o impacto tenha sido menor do que para outros produtos, como as frutas. Mesmo assim, atacadistas comentam que houve certa redução nas quantidades adquiridas por compradores. Para abril, com a sobreposição do início da safra de inverno e final da safra de verão, os preços devem ser menores que os do primeiro trimestre. No geral, é esperada a colheita de 17 milhões de pés neste mês, 3 milhões a mais do que em março.



Janáína

Tomate Salada Indeterminado **F1**

Resistências/Tolerâncias:

V, F2, N, TMV, TYLCV, TSWV

WINNERS
OS PRODUTOS VENCEDORES

 **FELTRIN**
SEMENTES

(54) 2109.4400 www.sementesfeltrin.com.br

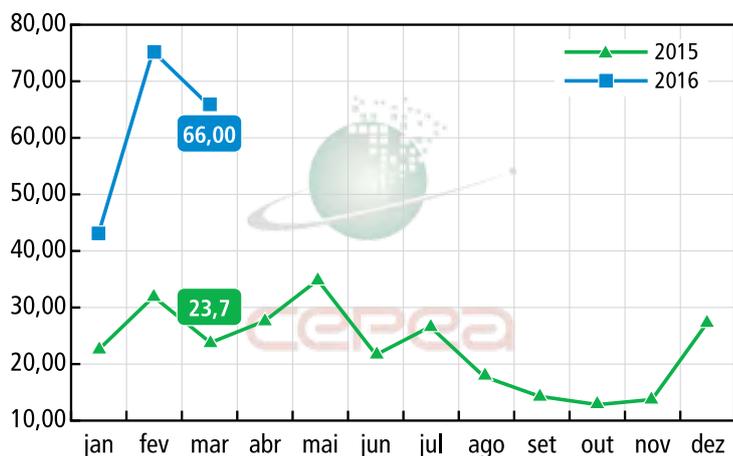


foto: Nicole Carvalho - Vacaria (RS)

Minas Gerais encerrará plantio de verão em maio

Produtores mineiros intensificam cultivo de inverno

Em maio, produtores de São Gotardo, Santa Juliana e Uberaba (MG) deverão encerrar o plantio de verão, seguindo com as atividades de inverno. Para a temporada de inverno 2016, a expectativa é de que a área permaneça em pouco mais de 2.000 hectares na região mineira. Essa manutenção nos investimentos deve-se, principalmente, pelo aumento no preço dos insumos em razão da valorização do dólar frente ao Real, que deverá ser sentida mais fortemente nesta safra. Além disso, a oscilação do dólar também interfere no avanço dos investimentos com colheita mecanizada, já que os gastos com aquisição de máquinas também subiram. A expectativa inicial é de boa produtividade em relação ao desempenho das lavouras de inverno. No entanto, a previsão de menores volumes de chuva devido à possibilidade de ocorrência de *La Niña* poderá prejudicar a irrigação. Seguindo o calendário normal da região, o plantio de inverno deverá se encerrar no final de agosto e a colheita deve começar em junho. Já com relação ao plantio de verão, choveu durante o cultivo, principalmente a partir de dezembro de 2015, resultando em baixa produtividade. No primeiro trimestre do ano, a produtividade foi de 44,23 t/ha, 31% abaixo do mesmo período de 2015. Por sua vez, a baixa disponibilidade de cenoura em Minas Gerais provocou aumento nos preços, que subiram mais que o dobro na mesma comparação.



Preço da cenoura mineira se estabiliza em março

Preços médios recebidos por produtores de São Gotardo pela cenoura "suja" na roça - R\$/cx 29 kg

Fonte: Cepea

GO consegue manter calendário de verão, apesar das chuvas

Em Cristalina (GO), devem ser colhidas 15% da área da safra de verão em abril. A estimativa inicial era de uma porcentagem menor, por conta das chuvas volumosas de janeiro que dificultaram o plantio por mais de 20 dias. Contudo, produtores consultados pela Hortifruti/Cepea afirmam que o planejamento de plantio do início do ano foi concluído normalmente, apesar do clima. Até o início de abril, a rentabilidade dos produtores goianos tem sido positiva na temporada. Neste mês, o plantio da safra de verão deve ser encerrado e, assim, produtores intensificam as atividades de campo para a temporada de inverno, cuja colheita se inicia em julho.

Produtividade na BA aumenta em maio

Desde o começo de 2016, as roças de Irecê e João Dourado (BA) têm apresentado baixa produtividade, fazendo com que os preços da cenoura se mantenham altos. No entanto, a perspectiva para maio é de melhora no rendimento, uma vez que os lotes foram plantados com clima favorável e disponibilidade hídrica suficiente para a irrigação. Assim, com maior oferta, a raiz deverá se desvalorizar, mas permanecerá em patamar elevado em relação à temporada anterior, quando a oferta na região foi alta. Na média de janeiro a março deste ano, a caixa "suja" de 20 kg foi vendida a R\$ 51,61, mais que o dobro do registrado no mesmo período de 2015. Desta forma, mesmo com aumento nos custos, o produtor baiano conseguiu obter rentabilidade positiva neste início de safra. Esse ganho já leva alguns produtores a repensarem seu planejamento inicial de expansão da área destinada à cebola e ao tomate em detrimento do cultivo de cenoura. Apesar da elevada margem de lucro, produtores voltaram a se preocupar com as perdas na produção em razão da escassez hídrica. Depois do elevado volume de chuvas em janeiro, faz dois meses que não são registradas precipitações significativas na Bahia.



Quando a parceria é boa,
as novidades vêm em dobro.



Tomate Híbrido
SV2333TJ



Tomate Híbrido
SV2444TH



TOMATES

A Seminis® lança no mercado duas variedades de tomates híbridos, o do segmento saladete SV2333TJ e o salada redondo SV2444TH. Frutos do trabalho em conjunto com produtores, trazem excelente pacote de resistências, maior potencial produtivo e resultados na lavoura. Novidade de qualidade, só com parceria de confiança.

**Seminis.**

www.seminis.com.br



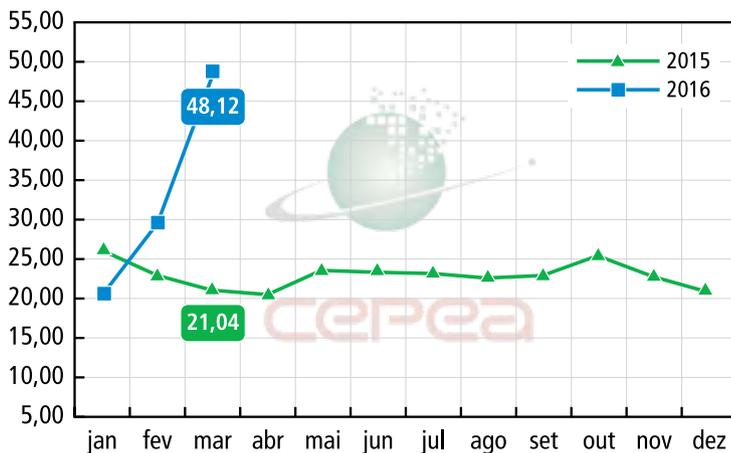
Safra do Vale do São Francisco está mais escalonada

Produtor deve intensificar colheita no final de abril

Os preços podem continuar firmes em abril. Isso porque a intensificação da colheita da safra do Vale do São Francisco (BA/PE) está atrasada. Normalmente, o avanço na colheita ocorre no início de abril, mas neste ano deve acontecer mais ao final do mês. O atraso deve-se às chuvas em janeiro. Além disso, o plantio da fruta em março também foi mais lento, já que produtores, atentos às previsões climáticas indicando chuvas volumosas para o mês, moderaram as atividades de plantio para evitar perdas. Porém, as precipitações não vieram com força. Assim, a safra do Vale do São Francisco deve ser mais escalonada, sem previsões de pico de oferta e de quedas acentuadas de preços. Quanto aos preços, os produtores do Vale que realizaram o plantio mesmo com o clima desfavorável negociaram a fruta no mercado nordestino, em março, a bons preços. Muitos chegaram a intensificar a comercialização a granel.

Preços sobem no primeiro trimestre

Ao contrário do verificado em 2015, os preços do melão estiveram em alta no primeiro trimestre de 2016. O preço médio do melão amarelo, dos tipos 6 e 7, comercializado em março na Ceagesp, esteve 122% superior ao de janeiro. No ano passado, o valor de março foi 14% inferior ao de janeiro/15.



Preço do amarelo sobe 122% frente a janeiro/16

Preços médios de venda do melão amarelo tipo 6-7 na Ceagesp - R\$/cx de 13 kg

Fonte: Cepepa

Volume exportado na safra 15/16 aumenta 7%

As exportações de melão na safra 2015/16 foram encerradas em março. Segundo dados da Secex, de agosto/15 a março/16, foram embarcadas 213 mil toneladas da fruta, 7% acima do volume do mesmo período da safra anterior. Em receita, o Brasil faturou US\$ 146 milhões, 1% menor que o obtido na temporada 2014/15 – em Reais, o ganho foi de R\$ 562 milhões, alta de 46%. A elevação do dólar em relação ao Real favoreceu os maiores envios na safra. Apesar da crise hídrica no ano passado, a produtividade e a qualidade estiveram acima do esperado, satisfazendo consumidores internacionais. Produtores do Rio Grande do Norte e Ceará deverão retomar as exportações apenas em julho/agosto deste ano. No mercado interno, as vendas estão reduzidas devido à entressafra, que vai de abril a julho.

Com entressafra no Brasil, Espanha passa a abastecer bloco europeu

Para suprir a demanda internacional de melão durante a entressafra do Brasil, a Espanha deve abastecer o bloco europeu nos próximos meses. O país europeu exportou cerca de 400 mil toneladas de melão entre abril e outubro do ano passado. A região de Murcia, no sudeste do país, representa mais da metade dos envios. A primeira região da Espanha a colher a fruta é a Almería, segundo informações do portal *Fruit Watch*. O transplante de melão nessa praça espanhola foi iniciado no final de fevereiro e, a colheita deve ocorrer a partir de meados de abril/16 com leve antecipação frente a 2015. Já quanto à maior região produtora do país, Murcia, deve iniciar a safra algumas semanas antes do habitual, com área ligeiramente maior que a do ano anterior. Produtores dessa região estão bastante animados com a cultura, ao contrário dos de Castilla-La Mancha, última a colher na Espanha (agosto e setembro), onde os preços estiveram poucos atrativos nas últimas safras.





foto: ABPM

Setor tem expectativa de boa qualidade para a fuji

Colheita de gala finaliza e a de fuji se intensifica

Com a finalização da colheita da gala nas regiões produtoras acompanhadas pelo Hortifruti/Cepea, aumentam as expectativas para este ano. Em linhas gerais, como já era esperada, a safra deve ter maior volume de frutas médias e miúdas. Para a safra 2015/16, um dos maiores desafios será a administração dos estoques em relação à pressão de polpa e maturação. Já a colheita de fuji de Fraiburgo (SC) e Vacaria (RS) estão intensas e devem se aproximar do fim em abril. Em São Joaquim (SC), a colheita deve finalizar até maio. A expectativa para a fuji é de qualidade, calibre e coloração satisfatórios. De acordo com agentes, a coloração da fuji está mais vermelha do que a da gala devido às temperaturas mais frias durante a noite.

Classificação da gala está em ritmo lento

O mercado menos comprador frente a 2015 tem levado a um ritmo mais fraco de classificação das maçãs no início desta temporada. A intenção, também, é levar os estoques para comercializar a fruta nacional até o final do ano. Já as importações devem ser mais acentuadas no segundo semestre, a fim de suprir a demanda interna, quando os estoques de maçãs brasileiras diminuam. Ainda assim, há maçãs importadas (Categoria 1) na Ceagesp, principalmente chilenas e argentinas, com preços pouco atrativos aos consumidores. As negociações deverão ser cauteloso-

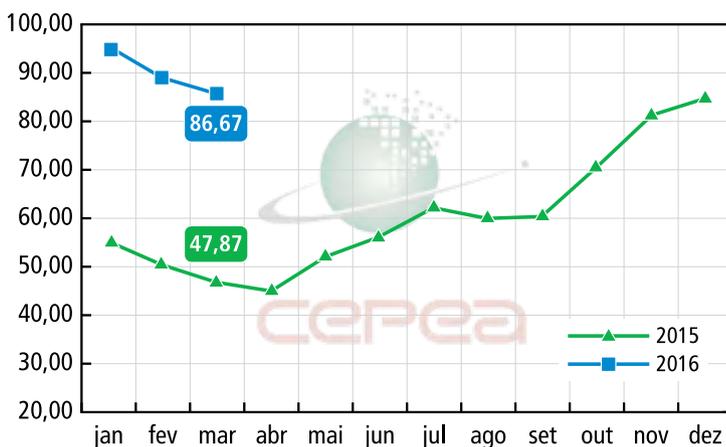
sas, principalmente se o dólar continuar alto.

Cat 3 mais valorizada no primeiro trimestre

De um modo geral, neste início de ano, as maçãs tem sido classificadas nas categorias 1 e 3. A escassez de frutas com classificação intermediária é consequência do clima, sobretudo durante o desenvolvimento da gala. Desse modo, as variedades que não sofreram interferências do clima apresentaram ótima aparência e pressão de polpa e são classificadas como Cat 1. Já aquelas frutas com danos na casca estão sendo classificadas como Cat 3 – devido aos padrões estabelecidos pelo setor. Neste cenário, a diferença entre os preços da gala Cat 1 e Cat 3 está menor neste primeiro trimestre se comparado com o mesmo período de 2015. Entre janeiro e março, a gala graúda Cat 3 foi negociada a R\$ 60,98/cx de 18 kg na média das três regiões acompanhadas pelo Hortifruti/Cepea, valor 23% menor que o da Cat 1 da mesma variedade e calibre. No mesmo período do ano passado, essa diferença era de 37%. Mesmo com preços mais elevados, contudo, vale ressaltar que os custos também subiram, pressionando a margem dos produtores.

Com risco fitossanitário, importação da China será reavaliada

As negociações com a China podem representar um risco fitossanitário à pomicultura no Brasil. A princípio, deverão ser agendadas audiências públicas para se reavaliar a importação das frutas chinesas. Além das maçãs, a intenção também é barrar a importação de uvas a granel e vinho daquele país. A frente parlamentar da Vitivinicultura e Fruticultura redefiniu estratégias de ação. As maiores preocupações estão relacionadas à fitossanidade das frutas e à possibilidade de arruinar a intensa atividade de erradicação da *Cydia Pomonella* realizada em território nacional. A moção contra as importações foi protocolada na Comissão do Mercosul e Assuntos Internacionais, para descartar a possibilidade de monopólio comercial.



Com avanço de colheita da fuji, preço cai

Preço médio de venda da maçã gala Cat 1 (calibres 80 -110) na Ceagesp - R\$/cx de 18 kg

Fonte: Cepea

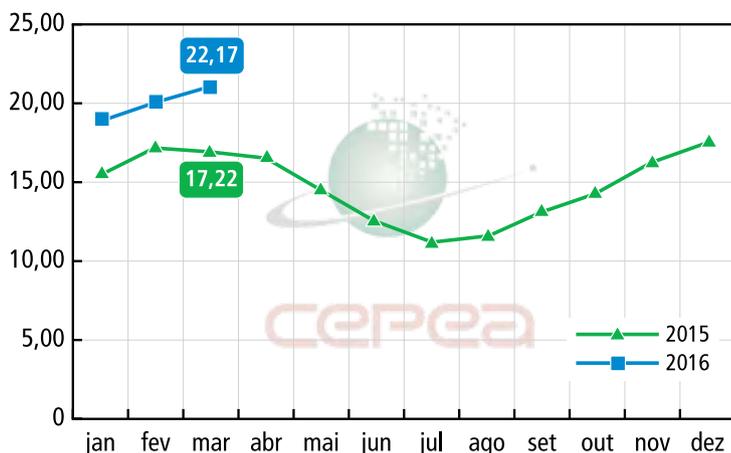




Fechamento de contratos é ainda mais adiantado que em 2015

Indústrias começam a contratação de frutas em março

As três grandes indústrias paulistas adiantaram significativamente o fechamento de contratos referentes às frutas da temporada que se inicia oficialmente em julho/16. No ano passado, o fechamento de negócios foi em abril (já considerado cedo para o padrão) e, em anos anteriores, ocorria apenas a partir de maio. Desde o final do ano passado, uma das indústrias vinha oferecendo contratos para a safra 2016/17 nas mesmas condições das temporadas recentes, mas sem definição do valor do adiantamento a ser pago já na entrega das frutas. O valor final, em dólar, seria definido apenas em 2018, quando citricultores receberiam eventuais adicionais ou descontos referentes ao preço do suco de laranja no mercado internacional. Em março, as outras duas empresas também iniciaram a contratação de frutas com valores em dólar e em Real. Segundo colaboradores do Cepea, uma das processadoras oferece contratos com preço fixo e as outras, um adiantamento (variável, dependendo do volume a ser contratado), com eventuais adicionais ou descontos referentes ao rendimento industrial (baseado num mínimo de 250 caixas para produzir uma tonelada de suco de laranja concentrado) e/ou ao preço de comercialização do suco no mercado externo. O adiantamento será pago no momento da entrega e a outra parte, em 2018. No geral, o cenário de preços ao produtor é considerado atrativo para 2016/17, principalmente se o dólar continuar



Preço da pera sobe novamente em março

Preços médios recebidos por produtores paulistas pela laranja pera - R\$/cx de 40,8 kg, na árvore

Fonte: Cepea

valorizado frente ao Real. As previsões de fechamento da safra 2015/16 (em junho de 2016) com baixo volume de suco de laranja em estoque e de produção paulista pequena justificam a elevada demanda industrial. Esse contexto também pode elevar os valores no mercado de mesa.

Safra de precoces é iniciada em SP

A colheita das laranjas precoces da safra 2016/17 foi iniciada em março em parte dos pomares do estado de São Paulo, com cerca de 15 dias de antecedência em relação à temporada passada. Para abril, a previsão é que a colheita seja intensificada, o que pode pressionar os valores da laranja pera. Segundo produtores, as chuvas constantes aceleraram o crescimento das frutas e, apesar de ainda estarem fora do estágio ideal de maturação, as precoces têm sido comercializadas para suprir a baixa oferta no mercado paulista. Assim, citricultores com frutas em condição de comercialização aproveitam os preços, que são considerados atrativos. Além disso, como o ritmo de processamento industrial é reduzido, a venda das precoces para o mercado *in natura* auxilia na manutenção do fluxo de caixa das fazendas.

É tempo de poncã!

A tangerina poncã também começou a ser colhida no estado de São Paulo em março, com a oferta devendo aumentar em abril. Apesar da previsão de aumento na colheita neste mês, a disponibilidade de poncã paulista no total da safra deve ser novamente baixa neste ano, com a colheita seguindo até junho/julho. Assim, os preços da variedade em março foram bastante elevados, com média de R\$ 43,17/cx de 27 kg, na árvore, o maior patamar nominal de toda a série do Cepea, iniciada em 1996. Devido aos preços atrativos dos últimos anos, alguns produtores têm voltado a investir nas tangerinas, o que pode aumentar ligeiramente a oferta nos próximos anos. Segundo a CDA, o número de plantas de tangerina poncã aumentou 16% do segundo semestre de 2014 para o segundo semestre de 2015.





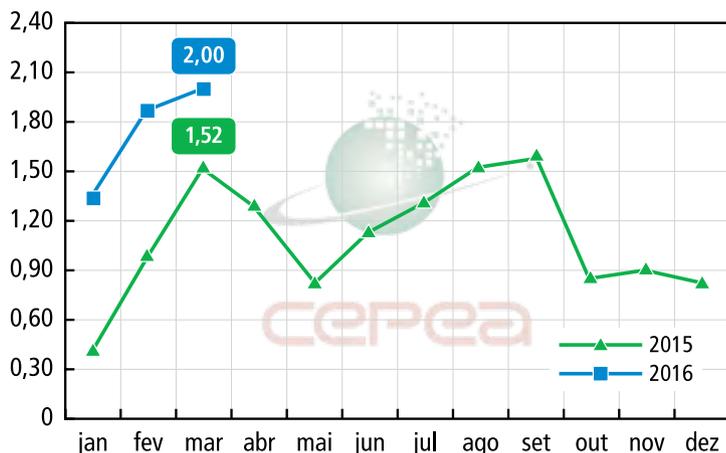
Vale deverá dominar mercado nacional em maio

Remuneração segue elevada para produtores do VSF

Os preços no primeiro trimestre do ano foram bons aos produtores de Petrolina (PE)/Juazeiro (BA) já que, com o fim da safra em São Paulo, o Vale do São Francisco se torna o principal responsável por abastecer o mercado nacional com manga. E a fruta deve seguir valorizada até o final de maio, quando se inicia a colheita na região de Jaíba/Janaúba (MG). No atual patamar de preços, o cenário de comercialização no mercado interno é atrativo aos produtores, diminuindo os envios ao exterior. A valorização da manga nordestina em período de baixa oferta nacional deixa produtores otimistas quanto à mangicultura neste semestre, podendo fomentar os investimentos em manejo e aumento de área na região ainda neste ano. Em março, o preço médio da *palmer* foi de R\$ 2,87/kg no Vale do São Francisco, aumento de 21% frente à fevereiro. A elevação nos preços em relação a 2015 também é bastante expressiva. A *palmer* subiu 114% em comparação com março/15.

Colheita em MG e na BA deve ganhar força em junho

No cenário de baixa oferta nacional de manga, o início da colheita é bastante esperado em Jaíba/Janaúba (MG) e Livramento de Nossa Senhora (BA). A safra da *palmer* no norte de Minas Gerais deverá se intensificar a partir de junho, com término em novembro. Alguns produtores poderão antecipar



um pequeno volume da safra, mas a temporada deve se concentrar especialmente entre junho e julho. Já a manga de Livramento de Nossa Senhora deve ter representatividade a partir de julho, com concentração de oferta em agosto e setembro. Apesar do calor intenso, as duas regiões devem apresentar clima favorável às floradas, assegurando produtividade satisfatória na safra 2016.

Preparativos para a safra 16/17 são finalizados em SP

As atividades preparatórias para a próxima temporada de manga (2016/17) se encerram em março em Monte Alto/Taquaritinga (SP). O início da colheita deve ser em outubro e os números da produção ainda dependem do clima. Mangicultores já esperam safra mais volumosa e com melhor qualidade frente à temporada 2015/16, dada a perspectiva de declínio do *El Niño* e início da *La Niña*, caracterizando menor volume de chuvas para o segundo semestre na região Sudeste. Em março, os principais manejos adotados nos pomares paulistas foram a poda e/ou aplicação de paclobutrazol, regulador de crescimento que induz novas floradas. As podas são realizadas com cautela devido ao grande problema com bacteriose durante a última safra. A doença pode se alojar nos pomares, ainda que não hajam frutos, durante vários anos. Dessa forma, a exposição das plantas ocasionada pela poda deve ser evitada, para que não iniciem a próxima safra já com alta infestação. Em março, mangicultores de Monte Alto encerraram a safra 2015/16, e os preços na reta final de colheita foram bastante elevados. A *palmer* foi comercializada em média a R\$ 2,14/kg no mês passado, alta de 72% em relação a março/15. Os custos gerais da temporada foram elevados, por conta do aumento no preço dos insumos e da necessidade de maior número de pulverizações devido às chuvas em janeiro e fevereiro. No entanto, mangicultores afirmam que os preços obtidos nos últimos meses foram suficientes para assegurar boa rentabilidade à cultura na região, superando os resultados da safra 2014/15.

Março fecha com o maior preço da *tommy* desde 2001

Preços médios recebidos por produtores de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) pela *tommy atkins* - R\$/kg



Fonte: Cepea



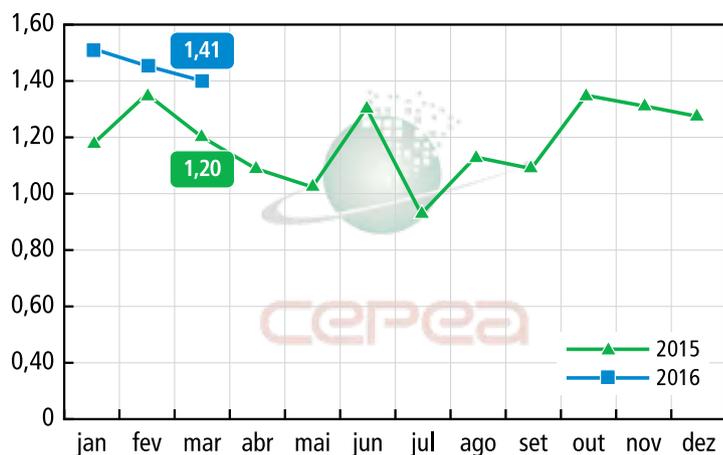


Preços altos estimulam produção nas regiões do TO e de GO

Semeio no Tocantins deve ter início em abril

O plantio de melancia da safra 2016 nas regiões de Lagoa da Confusão e Formoso do Araguaia (TO) tem previsão de início na primeira quinzena de abril. Devido aos atuais preços praticados no mercado, alguns produtores já iniciaram os trabalhos do campo e, segundo agentes do setor, as atividades de semeio devem seguir até junho. Com a valorização da fruta nos primeiros meses do ano, estima-se que em ambas as regiões sejam cultivados cerca de 8.000 hectares neste ano, aumento de 6% frente a 2015. Deste total, 40% podem ser plantados em abril, 30% em maio e outros 30% em junho. Porém, a área total a ser cultivada ainda dependerá das condições climáticas no Tocantins. Nos últimos meses, o volume de precipitações em Lagoa da Confusão e Formoso do Araguaia vem sendo menor que o normal e, com isso, muitos produtores estão receosos de que a falta de chuvas dificulte a irrigação das plantações. Dessa forma, se as chuvas não voltarem de forma intensa, o aumento na área pode não se concretizar e o desenvolvimento das lavouras também pode ser prejudicado. Considerando apenas o mês março, em Lagoa da Confusão foram observados 203,1 mm e, em Formoso do Araguaia, 172,5 mm, 24,39% e 33,42% inferior ao normal observado para esse período, segundo a Somar Meteorologia.

Área também pode aumentar em GO



Preço recua em março, mas continua elevado

Preços médios de venda da melancia graúda (>12 kg) na Ceagesp - R\$/kg

Fonte: Cepea

Em abril, mais produtores de melancia da região de Uruana (GO) devem iniciar o plantio da melancia, com previsão de intensificação a partir de junho. Inicialmente, a intenção dos melancicultores é aumentar a área plantada nesta safra frente à de 2015, totalizando 5.000 hectares, devido aos bons preços na maior parte da temporada passada e à expectativa positiva para esta. A previsão é de que a produtividade seja elevada em Goiás, mas isso ainda depende das condições climáticas nos próximos meses. A previsão é de que as primeiras frutas sejam colhidas em junho, com intensificação em setembro e outubro.

Safrinha em SP caminha para o fim

A safrinha paulista de Oscar Bressane, na região de Marília (SP), deve se encerrar em meados de abril. Já em Itápolis, a colheita teve início no final de março e deve ter o fim antecipado para maio. As fortes chuvas em agosto e setembro do ano passado – período de plantio da safrinha – atrapalharam os trabalhos de campo e diminuíram a área plantada neste ano. Diferente da temporada de final de ano, os resultados da safrinha seguem satisfatórios devido aos altos preços praticados tanto nas regiões produtoras como no atacado. Além disso, as frutas colhidas também têm qualidade superior, com tamanho e doçura ideais para o consumo, além de não apresentarem problemas com doenças. De fevereiro a março, o preço médio da melancia graúda na região de Marília foi de R\$ 0,83/kg, 84% superior ao mesmo mês de 2015, que era de R\$ 0,45/kg. Esse valor ainda é 0,27% superior ao custo de produção, estimado pelos produtores em R\$ 202/kg. Com a proximidade do encerramento da safrinha paulista e oferta reduzida nas regiões de Teixeira de Freitas (BA) e Bagé (RS), as cotações da melancia podem seguir altas em abril. Nessas condições, os melancicultores paulistas estão otimistas com a safra principal, que deve ter início em agosto, podendo até aumentar os investimentos em área.





Oferta de finas do PR aumenta em abril

Marialva inicia colheita da uva

A uva fina produzida na região de Marialva (PR) já vem sendo colhida desde o final de março, mas ainda em volume reduzido. A previsão de produtores é intensificar os trabalhos a partir da segunda semana de abril, quando também deve ter início a colheita da niagara (rústica) em Rosário do Ivaí (PR). Agentes locais estimam menor oferta da fruta nesta safra temporã de 2016 frente à de 2015, tendo em vista que alguns produtores de Marialva optaram por não realizar as podas. O objetivo de viticultores foi promover um período de descanso à planta para que ela possa ter uma maior produtividade na safra de fim de ano. Além disso, as fortes chuvas que atingiram as duas regiões nos meses de janeiro e fevereiro interferiram no desenvolvimento dos parreirais e causaram problemas como míldio e abortamento da florada em algumas áreas, o que deve ocasionar redução na produtividade da temporã no Paraná. A colheita de uva em Marialva e Rosário deve seguir até junho. Nas duas primeiras semanas de colheita (21/março a 07/abril), a uva Itália em Marialva foi negociada na média de R\$ 6,81/kg, alta de 127,76% frente a média da safra temporã 2015 (abril – julho).

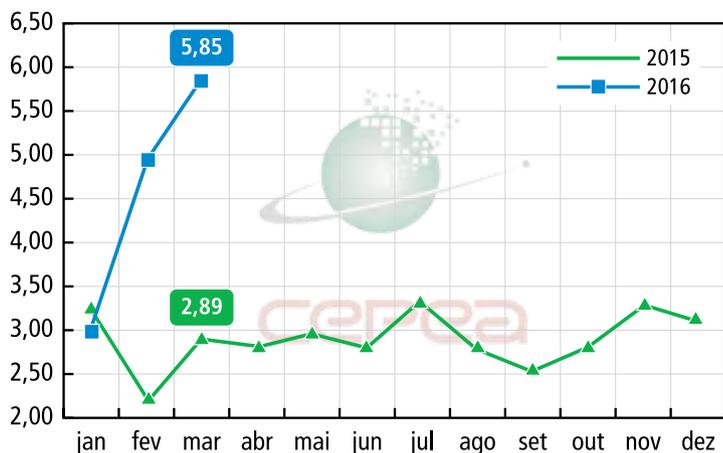
Indaiatuba e Louveira se preparam para colheita

Viticultores de Indaiatuba e Louveira (SP) também se preparam para iniciar a colheita da safra temporã de 2016 na segunda metade de abril, com

alguns produtores podendo antecipar as atividades. Embora a colheita siga até junho, já é prevista uma possível redução na oferta da fruta da região e aumento nos custos de produção da temporada em relação à temporã de 2015. Assim como no Paraná, as chuvas deste início de ano prejudicaram a produção paulista, ocasionando a incidência de míldio e/ou podridão, em algumas propriedades, o que tem forçado o produtor a intensificar tratamentos culturais como limpeza dos parreirais e maior frequência de pulverizações. Tal cenário poderá pressionar a rentabilidade desta temporada, assim como aconteceu na safra de fim de ano 2015/16. A receita pode ser equilibrada justamente pela previsão de baixa oferta da uva no Paraná. Isso pode levar ao aumento nas cotações da fruta no início da colheita da safra de São Paulo.

São Miguel Arcanjo encerra colheita de finas

Embora o término da safra tenha sido antecipado em pelo menos um mês e a produtividade esteja menor, produtores de São Miguel Arcanjo (SP) encerraram a colheita das variedades finas em março com rentabilidade unitária positiva. Na safra 2015/16 (dezembro/15 – março/16), a produtividade média da uva Itália foi de 15,6 t/ha, queda de 38,3% em relação ao volume produzido na temporada 2014/15. Com relação aos preços médios da safra 2015/16, a variedade Itália foi comercializada por R\$ 5,08/kg, alta de 51,4% em relação aos preços praticados no último ano e 56,79% superiores ao valor mínimo estimado pelos produtores para cobrir os gastos com a cultura. Os valores da Itália e da benitaka negociados em março foram também os maiores da série histórica do Cepea para a região, iniciada em junho de 2001, em termos reais (R\$ 7,37/kg para a Itália e R\$ 7,50/kg para a benitaka). Produtores de São Miguel Arcanjo continuam colhendo a poda verde de niagara, com previsão de encerramento em meados de abril. A valorização da fruta nesta safra é de grande importância para a viticultura do PR, tendo em vista a rentabilidade pouco satisfatória das últimas safras do estado e o aumento nos custos de produção.



Oferta reduzida eleva cotações em março

Preços médios recebidos por produtores pela uva Itália - R\$/kg



Fonte: Cepea





Menor oferta deve elevar preço em abril

Mamão pode seguir valorizado

Os preços do mamão podem registrar novas altas em abril nas principais regiões produtoras, influenciados pela menor oferta da fruta neste mês. No entanto, produtores e comerciantes relatam que o mercado está mais lento, por conta da crise econômica no País, e que esse cenário pode conter uma valorização mais expressiva da fruta. Em março, o mamão foi comercializado, em média, a R\$ 3,39/kg no Espírito Santo, alta de 62% frente ao mês anterior.

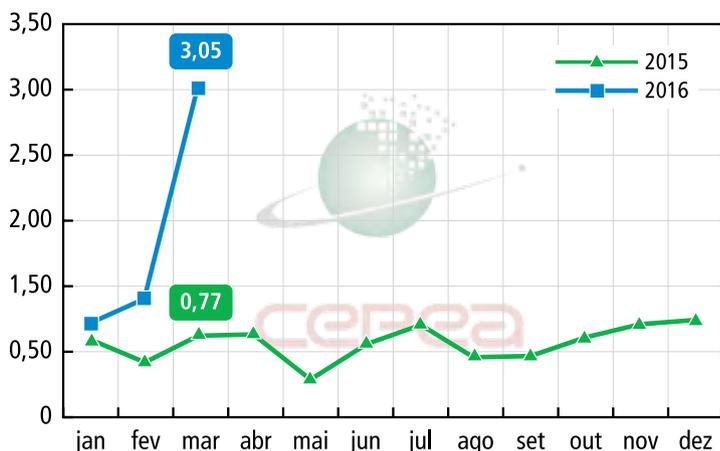
Falta de água preocupa produtores do ES

O mês de março seguiu com baixo volume de chuvas nas regiões produtoras de mamão, sobretudo no Espírito Santo. Em Pinheiros (ES), a precipitação acumulada foi de 27,9 mm em março, volume 77% abaixo da normal climatológica para o período, segundo a Somar Meteorologia. Com o clima seco, houve aumento na incidência de carpeloidia, que causa deformação nas frutas, tornando-as inviáveis para comercialização – são descartadas logo após a colheita. Assim, na tentativa de comerciantes atenderem a demanda, houve aumento do volume de mamão com coloração mais verde no mercado. Além disso, o clima seco e quente também aumentou o abortamento de flores em março, o que, por sua vez, pode resultar em baixa oferta de mamão em julho. Segundo produtores, nenhuma medida de restrição de uso da água foi decretada

em 2016, mas a maioria dos reservatórios está com baixo volume e produtores estão com dificuldades para irrigar as lavouras. Em janeiro, até choveu no Espírito Santo, mas não o suficiente para suprir a necessidade do estado. Vale lembrar que, no ano passado, as regiões capixabas passaram por longo período estiagem, com lacração de bombas.

Cresce mercado de formosa no exterior

Com o mercado interno pouco atrativo, as exportações de mamão devem seguir em alta em abril. No geral, os embarques de formosa vêm ganhando mais espaço frente aos de havaí. O formosa, sobretudo o originário do Rio Grande do Norte, está sendo cada vez mais aceito na Europa, não apenas pelo sabor e aparência, mas também porque se encaixa em uma alimentação saudável, segundo notícia veiculada pelo portal *Fresh Plaza*. Como a fruta é enviada semanalmente via marítima, os preços são menos voláteis e mais acessíveis aos consumidores europeus. Com isso, de janeiro a março, o volume exportado foi de 9,9 mil toneladas, quantidade 10,2% maior que a do mesmo período de 2015, segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex). A receita adquirida foi de US\$ 10,9 milhões, valor 4,3% maior na mesma comparação. Com o dólar a R\$ 3,89 no primeiro trimestre do ano, a receita com as exportações em Reais foi de R\$ 42 milhões, aumento de 41% em relação ao mesmo período do ano anterior.



Rentabilidade unitária é positiva, mas baixa oferta limita ganhos

Produtores de mamão devem seguir com rentabilidade unitária positiva na Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais e Rio Grande do Norte. Porém, a produtividade nas lavouras caiu significativamente em fevereiro e março deste ano e deve seguir baixa em abril. Com isso, o lucro é limitado, visto que grande parte dos produtores não dispõe de bom volume da fruta para a comercialização. No Sul da Bahia, o mamão foi comercializado a valores sete vezes maiores que o mínimo estimado para cobrir os custos.

Preço do formosa tem nova disparada em março

Preços médios recebidos por produtores pelo mamão formosa, em R\$/kg (exceto RN)

Fonte: Cepeca





foto: Marcos Ferreira - Porto Nacional (TO)

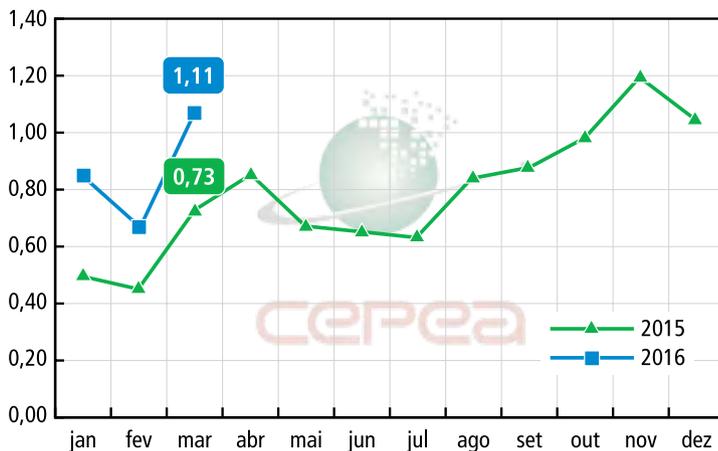
Oferta começa a aumentar em abril, mas banana segue valorizada

Preço da nanica sobe com mais força em SC no 1º tri

A banana nanica vem apresentando variações significativas no preço desde o começo do ano. O principal motivo é a oscilação na oferta nas principais regiões produtoras. Como a demanda segue firme desde o retorno das aulas, os preços em todas as regiões produtoras aumentaram no primeiro trimestre. Entre janeiro e março, a nanica se valorizou 53% no norte de Santa Catarina, 34% no Vale do Ribeira (SP), 32% no norte de Minas Gerais e 10% em Bom Jesus da Lapa (BA). A valorização mais intensa foi registrada na praça catarinense; isso porque os preços estavam bem inferiores às demais praças, permitindo uma recuperação no primeiro trimestre. Além disso, a alta nos preços foi influenciada pelo aumento da demanda tanto por parte do mercado doméstico quanto do Mercosul. No norte catarinense, a nanica foi comercializada à média de R\$ 0,59/kg em março. Para abril, a expectativa é que os preços se mantenham elevados, mesmo com a oferta começando a aumentar. A queda nas cotações deve ocorrer somente a partir de maio, quando a colheita deverá se intensificar em todas as regiões.

Qualidade da prata anã de Delfinópolis se destaca

A partir de março, a região de Delfinópolis (MG) apresentou melhora na qualidade da prata, depois de estar abaixo do ideal em todas as regiões



produtoras acompanhadas pelo Hortifruti/Cepea nos primeiros meses do ano. Essa mudança, segundo produtores, aconteceu mais cedo do que em anos anteriores devido ao clima favorável à produção na região. Em abril, a qualidade pode estar novamente satisfatória, devendo manter os pedidos em alta. Para que esse bom cenário se concretizasse, produtores tiveram que manter a irrigação e tratos culturais adequados. Após a crise hídrica de Delfinópolis no ano passado, as chuvas do início de ano recuperaram boa parte do nível da represa, permitindo melhora na irrigação. A expectativa na região é de aumento na oferta de prata somente em maio. Já as outras regiões produtoras de prata anã deverão ter que esperar um pouco mais para que a qualidade melhore – no final de abril para o norte de Minas Gerais e em maio para o Vale do São Francisco (BA/PE), por conta das temperaturas muito altas no Nordeste.

Importação da Argentina recua no 1º bimestre

No primeiro bimestre de 2016, a Argentina importou 55 mil toneladas de banana, 15% abaixo do que no mesmo período do ano passado, segundo dados do Serviço Nacional de Saúde e Qualidade Agroalimentar (Senasa) da Argentina. Em 2015, o país havia importado 400 mil toneladas de banana, volume 50% maior do que uma década atrás – a produção no país gira em torno de 100 mil toneladas, segundo o *Fresh Plaza*, volume que atende 20% da demanda nacional. O Equador foi o maior fornecedor no primeiro bimestre deste ano, com participação de 66% no volume total importado pelo país vizinho. No período, o Brasil teve a menor participação entre os volumes enviados para a Argentina, com apenas 4% de representação. Já no período de janeiro a março, produtores brasileiros enviaram 0,8% menos banana à Argentina frente ao mesmo período de 2015, somando 612 mil toneladas, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex). Esse volume gerou receita de US\$ 1,5 milhão ao Brasil no primeiro trimestre deste ano.

Com boa demanda, preço da nanica dispara em março

Preços médios recebidos por produtores do Vale do Ribeira pela nanica - R\$/kg

Fonte: Cepea





ENTREVISTA: Ademilton Santos

“MESMO COM PREÇOS ELEVADOS, VOLUME VENDIDO DE HF SE MANTÉM ESTÁVEL NA REDE ATACADÃO”

Ademilton Santos é formado em Administração de Empresas. Trabalha no Atacadão, do grupo Carrefour, há 20 anos, sendo 15 dedicados mais especificamente ao segmento de frutas e hortaliças. Atualmente, responde pela gerência nacional de compras desses produtos para as lojas do Atacadão.

Hortifruti Brasil: Uma parcela dos consumidores tem direcionado suas compras para o atacarejo e diminuído a frequência de idas ao supermercado. O Grupo Atacadão tem observado aumento do número de clientes?

Ademilton Santos: Sim, principalmente agora que a crise apertou um pouco mais. De uns anos pra cá, a linha do atacarejo vem crescendo bastante e atraído muito mais a atenção dos consumidores finais. Conseguimos oferecer produtos com preços mais atrativos. Já temos até preparado as lojas para receber o consumidor final, mas de uma forma que não atrapalhe a venda no atacado*, que é o forte do nosso negócio.

HF Brasil: Pode-se concluir, então, que a proporção de consumidores finais aumentou no último ano.

Santos: Há uns três/quatro anos, as vendas no atacado eram bem maiores que no varejo. Hoje, já estamos vendo uma proporção maior de consumidores finais nas lojas. Mas, na média, a maior parte do faturamento ainda vem de clientes que compram em atacado.

HF Brasil: Qual a percepção do Atacadão sobre as vendas de hortifrutícolas em suas lojas?

Santos: O setor de hortifrutis tem passado por anos difíceis, de preços elevados, o que acaba pressionando as vendas. Os preços de HF até 2014 estavam subindo a menos de 2% ao ano. Mas, em 2015, frente a 2014, a alta nos valores foi bem maior. Dessa forma, mesmo aumentando o faturamento, o volume de HF comercializado pelo Atacadão foi praticamente estável. Temos visto mais consumidores nas lojas, mas, em geral, cada um compra um pouquinho menos.

HF Brasil: Na sua opinião, essa redução das compras ocorre devido ao aumento de preço ou o senhor acha que também tem relação com a diminuição da renda, ou seja, seria efeito direto da crise?

Santos: Em se tratando de hortifruti, tem um pouco dos dois. Mas, a meu ver, os HFs são produtos essenciais, com

vida útil curta e com um apelo de saudabilidade. Então, vejo que tem um pouco de crise sim na queda do consumo. Mas, os preços elevados têm influenciado muito mais. Além disso, a quantidade comprada no modo atacado (por restaurantes e outros comerciantes) diminuiu com a crise. Se as pessoas reduziram a ida aos restaurantes, esses, por sua vez, reduziram a compra de hortifrutis. Isso impacta ainda mais no nosso negócio, já que esses clientes têm maior representatividade.

“Os HFs são produtos essenciais, com vida útil curta e com um apelo de saudabilidade. Então, vejo que tem um pouco de crise sim na queda do consumo. Mas, os preços elevados têm influenciado muito mais.”

HF Brasil: O principal atrativo do atacarejo, frente ao varejo tradicional, é o preço. Frutas e hortaliças também são “mais em conta”?

Santos: Sim. No último levantamento mensal que fizemos, o nosso hortifruti teve preço consideravelmente menor que o hipermercado. Isso porque o setor de frutas e hortaliças é um atrativo no nosso segmento. No Atacadão, a seção de FLV foi criada há 21 anos. Antigamente, o comerciante ou consumidor final comprava todos os itens e tinha que se deslocar até uma feira-livre ou uma ceasa para comprar a batata, a cenoura, o tomate etc. Então, resolvemos adicionar a área de FLV para que ele já fizesse todas as compras em um só lugar, ganhando tempo.

* Vendas para padarias, restaurantes, lanchonetes, profissionais do ramo da alimentação, mercearias, pequenos supermercados etc.

HF Brasil: Qual a participação dos hortifrutícolas nas vendas do Atacadão? Com o crescimento da procura pelo consumidor final, tem aumentado o espaço do FLV no faturamento?

Santos: O FLV é um item importante nas vendas. O nosso espaço na loja atualmente é bom. Com o passar do tempo, houve investimentos e inaugurações, reservando-se um espaço muito melhor para o setor FLV se comparado com muitos anos atrás. Investir em FLV trouxe resultados positivos.

HF Brasil: Em relação aos tipos de frutas e hortaliças que vocês comercializam, são exatamente os mesmos que o consumidor encontraria em um varejo convencional ou há alguma restrição?

Santos: O básico do hortifruti o consumidor vai encontrar nas lojas do Atacadão. Temos também variados tipos de hortaliças e frutas, até mesmo importadas como ameixa, pera, maçã. Porém, o consumidor não vai encontrar frutas exóticas, por exemplo.

HF Brasil: Como é o abastecimento de FLV nas lojas do Atacadão?

Santos: Cada região do País tem um grupo de fornecedores (produtor, distribuidor etc), que abastecem todas as lojas daquela região, a partir de uma parceria. Nós não temos Centro de Distribuição (CD) nacional e/ou regional para os hortifrutícolas. No varejo, usa-se muito CD, mas nós analisamos os prós e os contras e encontramos mais pontos con-

trários do que a favor de se trabalhar com sistema de CD, principalmente pela vida útil do produto e tempo de entrega. Então, os produtores de HF entregam direto nas lojas.

HF Brasil: Quando o consumidor vai ao atacarejo, normalmente a intenção é comprar em maior quantidade, abastecendo-se para o mês. Em relação ao FLV, as quantidades também são maiores?

Santos: Não acreditamos que o consumidor final e o comerciante possam comprar FLV para se abastecer por um mês, já que a vida útil dos produtos é muito curta. A compra mensal é para os produtos de despensa, não perecíveis. Os comerciantes que compram FLV vêm ao Atacadão de duas a três vezes por semana por conta da perecibilidade. Com isso, ele acaba comprando algumas coisas que faltam para o negócio dele na semana. Realmente, a área de hortifruti é um atrativo para as nossas lojas.

HF Brasil: Comentamos sobre a diminuição em geral do volume negociado. Por outro lado, algum HF teve aumento de vendas nesse período de crise?

Santos: Mesmo com a crise, o item que mais cresce no Atacadão é a categoria de ovos. Talvez pelo aumento do preço da carne. No setor das frutas e hortaliças, o grupo das folhosas vendeu mais: coentro, salsa, cebolinha, repolho e alface. Essa linha, além de crescer em receita, aumentou em volume também. Ainda são produtos baratos, que as pessoas não sentem tanto no bolso.



“AJUSTE DA PRODUÇÃO AO TAMANHO DO MERCADO E ATENÇÃO AOS CUSTOS, ESSAS SÃO AS RECOMENDAÇÕES”

ENTREVISTA: Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros é doutor em Economia pela Universidade do Estado da Carolina do Norte e pós-doutorado pela Universidade de Minnesota, ambas nos Estados Unidos. É professor titular no Departamento de Economia, Administração e Sociologia da Esalq/USP e coordenador do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea). Entre outras contribuições, têm formulado metodologias que mensuram a sustentabilidade econômica dos negócios agropecuários.

Hortifruti Brasil: Professor, quais foram as principais ocorrências que levaram à atual crise político-econômica?

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros: Desde o começo dos anos 1980, o Brasil deixou de crescer a taxas superiores a 6% ao ano e passou a evoluir a taxas médias

em torno de 2,5%. Com isso, a renda per capita passou a crescer à média de 1% ao ano. A razão para esse colapso no crescimento foi o esgotamento dos recursos públicos (impostos e dívida interna) e do crédito externo que estimulava o processo acelerado de industrialização iniciado já nos anos 1930. Além disso, desde então, não

houve investimentos suficientes para aumentar a produtividade (infraestrutura, educação, ciência e tecnologia, saúde etc.). Ao mesmo tempo, o descontrole fiscal e monetário se generalizou e a inflação galopante se instalou no Brasil. A inflação tomou conta das expectativas e dos reajustes de preços e, a cada ano, ficava um tanto maior – processo conhecido como indexação. Com o Plano Real de 1994, um dos problemas – a inflação – foi controlado com base em mudanças nas regras de indexação e em taxas de juros muito altas – que derrubaram o dólar no mercado interno. O Plano Real não sanou, porém, o problema fiscal de imediato. Somente a partir de 2000, com a Lei da Responsabilidade Fiscal, criaram-se mecanismos para controlar os gastos e o endividamento dos governos (federal, estadual e municipal), que produziram resultados positivos nos primeiros anos da década de 2000. Mas, com o tempo, as metas estabelecidas pela Lei deixaram de ser estritamente cumpridas até que as contas pioraram extremamente a partir de 2014. Com esse cenário, os investimentos e o consumo estão sendo adiados, o PIB vem caindo, o desemprego aumentando e a inflação está muito alta. A partir de agora, não é possível adiar mais as soluções para os problemas fiscais. São necessárias medidas duras e impopulares, como reduções de benefícios previdenciários e de programas sociais, contenção de salários e cortes de pessoal, aumento de impostos. Do lado político, os problemas decorreram da forma escolhida para se governar o País, a partir dos anos 2000, que envolvia a formação de base de sustentação do governo por meio de ocupação de cargos públicos por indicação política, a qual viabilizava a prática da corrupção em larga escala. A solução para isso virá se e quando for possível desmontar-se o sistema político atual, substituindo-o por outro que reflita melhor os anseios da sociedade, além de, evidentemente, punir exemplarmente corruptos e corruptores. Espera-se que nesse novo sistema seja possível o encaminhamento das difíceis soluções para as questões econômicas.

HF Brasil: Como essa crise tem impactado a agricultura nacional?

Barros: A economia toda está em recessão, com desemprego elevado e renda em queda. É um panorama desfavorável, que vai perdurar mais alguns anos até que normalidade seja re-estabelecida – quando forem equacionadas as soluções para as crises econômica e política. Durante esse período, os consumidores, muitos endividados, em geral vão permanecer retraídos, reduzindo quantidade e qualidade de suas compras. No caso da agricultura em geral, o mercado externo tem sido um caminho interessante por causa da alta do dólar e do crescimento maior de países que são nossos clientes. Para frutas e hortaliças voltadas para o mercado interno, essa alternativa não se oferece. A recomendação é que

se ajuste a produção ao tamanho do mercado e concentre-se na redução de custos, adiando-se, por enquanto, novos investimentos – segurando eventuais poupanças e não assumindo novas dívidas.

HF Brasil: Com perspectiva um pouco melhor para os exportadores, o que se pode esperar do bloco europeu, maior importador de frutas brasileiras?

Barros: O câmbio favorável, sem dúvida, ajuda as vendas externas e a sustentação da renda dos produtores de frutas. A Europa, na sua maior parte, ainda sofre as consequências da crise financeira de 2008 na forma de um crescimento mais lento, ficando atrás dos Estados Unidos nesse processo de recuperação. De qualquer forma, nesta altura, a maioria dos países europeus re-estabeleceu ou superou moderadamente seus níveis de renda per capita do período pré-crise. A Inglaterra é o destaque pelo seu crescimento mais rápido. Alemanha, Holanda e

“A economia toda está em recessão, com desemprego elevado e renda em queda. (...) Durante esse período, os consumidores, muitos endividados, em geral vão permanecer retraídos, reduzindo quantidade e qualidade de suas compras.”

França também já estão melhores do que antes da crise. A Espanha vem a seguir. O aumento do câmbio no Brasil, por sua vez, tem o duplo efeito de sustentar o preço ao produtor e baratear o produto brasileiro na Europa. Então, em síntese, o consumo na Europa de frutas brasileiras conta com estímulo de preço calçado em níveis razoáveis de renda. Um cenário bem favorável dadas as circunstâncias.

HF Brasil: No último ano e no início deste, mesmo com a renda real do brasileiro diminuindo, a baixa oferta manteve os preços dos hortifrutis em elevados patamares. Para o segundo semestre de 2016, no entanto, a expectativa é de que a produção aumente e que a renda do consumidor continue em queda. O senhor acredita que os preços das frutas e hortaliças consigam se sustentar?

Barros: O cenário, em função do que já foi dito, é mais favorável para aqueles produtos que alcançam o mercado externo. Uma recuperação de preços no mercado interno nas atuais condições poderia ocorrer em caso de ajuste (intencional) para baixo da produção ou por força de eventos climáticos e sanitários que resultassem em queda ou em pequeno aumento da produção.

HF Brasil: Na sua opinião, o que o produtor deve fazer

em um momento de tantas incertezas?

Barros: O produtor deve concentrar-se na contenção e redução de custos, monitorar de perto seu fluxo de caixa, mantendo sua poupança, evitando recorrer a financiamento. Investimentos devem ser adiados na medida do possível. A ordem é aguardar sinais favoráveis do lado político e econômico que permitam algum otimismo quanto à recuperação da renda do consumidor. Tais sinais, por enquanto, não são visíveis nem previsíveis.



ENTREVISTA: Sérgio Rodrigo Vale

“A VOLTA DO CRESCIMENTO BRASILEIRO SÓ OCORRERÁ QUANDO A SITUAÇÃO POLÍTICA SE RESOLVER”

Sérgio Rodrigo Vale é economista formado pela Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (FEA/USP). Tem mestrado pela mesma instituição e doutorado pela Universidade de Wisconsin (Madison), Estados Unidos. É economista-chefe da MB Associados e articulista da coluna Estadão Noite desde 2014.

Hortifruti Brasil: Como o senhor visualiza o cenário político neste e no próximo ano? Quais os reflexos que ter sobre a economia brasileira?

Sérgio Rodrigo Vale: O cenário está muito ruim, basicamente pela questão política. Há uma paralisia geral de decisões em Brasília que surge da incapacidade total da presidente de conseguir articular qualquer coisa politicamente. A volta do crescimento brasileiro só ocorrerá quando a situação política se resolver. Isso não quer dizer que o Michel Temer [vice-presidente da República] seja uma “salvação total da lavoura”, mas certamente seria melhor do que temos hoje. Para este ano, se a presidente Dilma Rousseff sair do governo, o PIB cai 3,8%. Se ela não sair, o PIB cai 4,9% e segue caindo em 2017.

HF Brasil: Como este cenário político pode refletir no câmbio, importante parâmetro para os custos de produção de hortifrutícolas e exportações das frutas brasileiras?

Vale: O câmbio não vai subir muito, não podemos mais trabalhar com cenário de câmbio a R\$ 5,00, que só ocorreria no cenário de a presidente continuar no governo. Mas, a moeda norte-americana não deve ficar abaixo de R\$ 3,00 porque a crise política se manterá com a queda da presidente. Um eventual governo Temer teria baixa legitimidade e uma oposição ferrenha. E mais, a questão fiscal está seriamente prejudicada e deixará a economia em risco durante

todo o período até 2018.

HF Brasil: Como se comportariam emprego e inflação no curto prazo com a conjuntura prevista pelo senhor?

Vale: A inflação está em queda, devendo chegar a algo próximo de 7,3% com a recessão e o câmbio sob controle. No caso do mercado de trabalho, a situação é muito ruim, com expectativa de elevação do desemprego para quase 13% este ano. Só deve melhorar em 2017.

HF Brasil: Dados da Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE apontam queda na renda média do brasileiro em 2016. Queda na renda impacta em menor consumo de alimentos, de forma mais intensa para frutas de maior valor agregado. Tomando-se por base o cenário econômico esperado pelo senhor no curto prazo (2016/2017), para quando poderia ser esperada retomada da renda dos brasileiros?

Vale: Retomada de renda só no ano que vem, caso haja mudança política, mas não vamos esperar retomada rápida. Não há espaço para reajustes salariais elevados e provavelmente o salário mínimo terá revisão de reajuste, o que será bem-vindo. Diria que devemos ver maior normalidade da economia em 2018, o que será ainda mais ajudado por uma eleição que leve a vitória a alguém com capacidade de começar a reformar a economia. ■

Portfólio HF

Carregado de soluções para múltiplas culturas em hortifrúti.

67



0800 0192 500

facebook.com/BASFAgroBrasil

www.agro.basf.com.br

Aplique somente as doses recomendadas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Incluir outros métodos de controle dentro do programa do Manejo Integrado de Pragas (MIP) quando disponíveis e apropriados. Uso exclusivamente agrícola. Restrições no Estado do Paraná: Tutor® para o alvo *Phytophthora infestans* no tomate, Cabrio® Top para alho. Registro MAPA: Cabrio® Top nº 01303, Dormex® nº 1095, Collis® nº 01804, Forum® nº 01395, Pirate® nº 05898, Nomolt® 150 nº 01393, Regent® Duo nº 12411, Heat® nº 01013, Cantus® nº 07503, Fastac® 100 nº 2793, Herbadox® 400 EC nº 15907, Orkestra™SC nº 08813 e Tutor® nº 02908.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na etiqueta. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO, VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.



Produtos que contribuem para aumentar a qualidade e produtividade da sua lavoura.

Fungicidas	Orkestra™SC*	Inseticidas	Pirate®
	Cabrio® Top*		Regent® Duo
	Cantus™**		Nomolt® 150
	Forum®		Fastac® 100
	Collis®		
Tutor®			
Herbicidas	Heat®	Regulador de Crescimento	Dormex®
	Herbadox® 400 EC		

*Mais qualidade, produtividade e rentabilidade - Benefícios AgCiência

BASF
We create chemistry

Excelente desempenho no campo e **alta produtividade** na colheita.



Cenoura híbrida de inverno
MELISSA F1

TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES

Mala Direta Postal

Básica

0000/2012 - DR/XXXXYY
Cliente

...CORREIOS...

IMPRESSO

Uma publicação do CEPEA USP/ESALQ

Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)

Tel: 19 3429.8808 - Fax: 19 3429.8829

e-mail: hfcepea@usp.br



Muito mais que uma publicação, a **Hortifruti Brasil** é o resultado de pesquisas de mercado desenvolvidas pela Equipe Hortifruti do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da Esalq/USP.

As informações são coletadas através do contato direto com aqueles que movimentam a hortifruticultura nacional: produtores, atacadistas, exportadores etc. Esses dados passam pelo criterioso exame de nossos pesquisadores, que elaboram as diversas análises da **Hortifruti Brasil**.

Cenoura híbrida de inverno
MELISSA F1

- Excelente produtividade
- Ótimo rendimento no lavador
- Boa coloração interna e externa

NOVA estudio

TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES

www.AGRISTAR.com.br
Tel.: 24 2222-9000



ASSISTA AO VÍDEO
INSTITUCIONAL DA
AGRISTAR.

Uma publicação do CEPEA – ESALQ/USP
Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)
tel: (19) 3429.8808 Fax: (19) 3429.8829
E-mail: hfcepea@usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil